



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS - CESC
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E FILOSOFIA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ANTONIO NILSON DOS SANTOS COSTA FILHO

**O JOVEM TÖRLESS (1906) DE ROBERT MUSIL: A REPRESSÃO SOCIAL
NA NARRATIVA COMO REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE SOCIAL**

Caxias-MA

2024

ANTONIO NILSON DOS SANTOS COSTA FILHO

O JOVEM TÖRLESS (1906) DE ROBERT MUSIL: A REPRESSÃO SOCIAL NA
NARRATIVA COMO REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE SOCIAL

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais -
Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão,
campus Caxias, como requisito para obtenção do grau de
Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Me. Francisco Weriquis Silva Sales

Caxias-MA

2024

C837j Costa Filho, Antonio Nilson dos Santos

O jovem Törless (1906) de Robert Musil: a repressão social na narrativa como representação da realidade social / Antonio Nilson dos Santos Costa Filho. __Caxias: Campus Caxias, 2024.

70f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Me. Francisco Weriquis Silva Sales.

1. Literatura. 2. Repressão social. 3. Sexualidade. 4. Literatura – Sociologia. I. Título.

CDU 82-95

Elaborada pelo bibliotecário Wilberth Santos Raiol CRB 13/608

ANTONIO NILSON DOS SANTOS COSTA FILHO

**O JOVEM TÖRLESS (1906) DE ROBERT MUSIL: A REPRESSÃO SOCIAL NA
NARRATIVA COMO REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE SOCIAL**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais -
Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão,
campus Caxias, como requisito para obtenção do grau de
Licenciatura em Ciências Sociais.

Aprovado em: 02/09/2024.

BANCA EXAMINADORA:



Documento assinado digitalmente
FRANCISCO WERIQUEIS SILVA SALES
Data: 11/09/2024 13:21:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Francisco Weriquis Silva Sales – Orientador



Documento assinado digitalmente
MARCIA REGINA FERREIRA SANTOS
Data: 10/09/2024 22:59:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Marcia Regina Ferreira Santos

Prof. Esp. Psicopedagogia Clínica, Hospitalar e Institucional



Documento assinado digitalmente
NAYRA JOSEANE E SILVA SOUSA
Data: 10/09/2024 18:24:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nayra Joseane e Silva Sousa

Prof. M^a. Antropologia (UFPI)

AGRADECIMENTOS

Quero expressar meus agradecimentos, primeiramente, aos meus pais, temos nossos problemas, mas sou grato por me auxiliarem a estar vivendo na cidade que reside o curso universitário, e por outros momentos que me ajudaram ao decorrer da minha existência.

Agradeço ao meu orientador pelos auxílios na construção dessa monografia e também no incentivo de adentrar na Sociologia da Literatura. Grato a alguns colegas que presenciaram minhas lamentações e surtos durante o processo, porém, principalmente a mim por tentar...

E por fim, não poderia me esquecer de encerrar meus agradecimentos a literatura ficcional, que se fez presente em muitos momentos da minha vida e me proporcionou um escapismo necessário de refúgio da socialização, de pertencimento, de reflexões e identificações importantes na minha autocompreensão.

Dedico este trabalho àqueles que foram e são perseguidos, torturados e ceifados por sistemas totalitários, àqueles que foram esquecidos e/ou apagados da história devido à sua sexualidade, gênero ou etnia, àqueles que são subversivos, e por fim, aos livros que ainda são censurados e queimados.

*“Onde se queimam livros, acaba-se queimando
pessoas”*

(Heinrich Heine)

RESUMO

O presente trabalho concentrou-se em analisar o tema da repressão social na obra literária *O jovem Törless* (1906) de Robert Musil, como uma representação da realidade social. O objetivo principal é analisar como a repressão social abordada na narrativa representa a realidade social, utilizando uma abordagem a partir da Sociologia da Literatura. Para alcançar esse objetivo, partiu-se de uma abordagem qualitativa, uma metodologia com levantamento bibliográfico e análise de discurso, fundamentada em teorias de autores como Foucault, Goffman, Candido, Bauman, dentre outros. O levantamento se fortaleceu na leitura de artigos, livros, estudos acadêmicos, que se correlaciona com a obra literária, com isso busca-se compreender a repressão social e a sua representação no livro como análise da realidade social. Os resultados indicam que a repressão social se apresenta de diferentes maneiras na narrativa, que abrange aspectos como a sexualidade reprimida, o controle, a violência e o medo nas relações entre os estudantes. O internato escolar é apresentado como um microcosmo social, principalmente de um sistema totalitário no qual a individualidade é reprimida, mas onde a crueldade é negligenciada. A análise, “sustentada na Sociologia da Literatura”, reflete que a literatura, ao representar esses aspectos, tem uma função representativa da realidade social. Considera-se que a obra literária tem uma função importante para compreender a repressão social. O trabalho enfatiza a relevância de uma análise sociológica da literatura, pois as narrativas ficcionais podem trazer aspectos frequentemente negligenciados.

Palavras-chave: literatura; repressão social; sexualidade; sociologia da literatura.

ABSTRACT

This study has focused on analyzing the theme of social repression in Robert Musil's literary work *The Confusions of Young Törless* (1906) as a representation of social reality. The main objective is to analyze how the social repression addressed in the narrative represents social reality, using an approach based on the Sociology of Literature. To achieve this goal, we used a qualitative approach, a methodology based on a bibliographical survey and discourse analysis, based on the theories of authors such as Foucault, Goffman, Candido, Bauman, among others. The survey was strengthened by reading articles, books, academic studies, which correlate with the literary work, thus seeking to understand social repression and its representation in the book as an analysis of social reality. The results indicate that social repression is presented in different ways in the narrative, covering aspects such as repressed sexuality, control, violence, and fear in the relationships between the students. The boarding school is presented as a social microcosm, mainly of a totalitarian system in which individuality is repressed, but where cruelty is neglected. The analysis, "based on the Sociology of Literature", reflects that literature, in representing these aspects, has a representative function of social reality. The literary work is considered to play an important role in understanding social repression. The work emphasizes the relevance of a sociological analysis of literature, as fictional narratives can bring to light aspects that are often overlooked.

Keywords: literature; social repression; sexuality; sociology of literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 METODOLOGIA.....	16
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
3.1 Por um diálogo evidente entre sociologia e literatura.....	19
3.2 O jovem Törless: uma denúncia a sistemas totais por meio do internato escolar.....	25
3.3 A sexualidade como meio de poder na sociedade e no ensino.....	37
3.4 O medo como ação e reação da repressão social.....	49
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	66

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho intitulado “*O jovem Törless (1906) de Robert Musil: a repressão social na narrativa como representação da realidade social*”, concentra-se em uma análise sociológica no campo da Sociologia da Literatura, focando-se na repressão social que atravessa a vida dos personagens no internato escolar representado na obra literária. O objeto de estudo é a análise desta repressão social presente no livro de Robert Musil, que se situa em um internato no Império austro-húngaro e reflete o ambiente de uma sociedade rígida e hierárquica do início do século XX. Sendo que, a repressão social é retratada através da sexualidade reprimida, controle e violência, bem como do medo e conformidade dos personagens. O objetivo principal se sustenta na análise de como a repressão social na narrativa vai se construindo que representa a realidade social. Os demais, se apoiam na identificação das dinâmicas de repressão social vivenciado na narrativa, a descrição das experiências de repressão social apresentada ao decorrer da narrativa, e por fim, na verificação de elementos que evidenciam a realidade social na representação que o livro proporciona.

O internato escolar na obra é um microcosmo da sociedade, onde a repressão social se manifesta de várias configurações. As rígidas normas e regras do internato moldam e podam o comportamento dos estudantes, limitando sua liberdade e individualidade. A hierarquia social determina o *status* dos estudantes, criando uma estrutura de poder desigual. A violência física e psicológica é empregada para manter a ordem e reforçar as regras. Törless, personagem principal, questiona as regras, mas se torna, às vezes, indiferente e passivo, entrando em conflito com si próprio e com a ordem estabelecida. Outros indivíduos, como seus colegas, são submetidos e/ou provocam repressão social, revelando diferentes formas de lidar com o sistema.

O jovem Törless, é um romance de formação¹, que, segundo Gurski e Perrone (2021) tem nuances autobiográficas. O livro foi publicado em 1906, pelo austríaco Robert Musil (1880–1942), um dos escritores e ensaístas mais importantes da literatura em língua alemã. A obra literária mostra a realidade da época, em como a Áustria-Hungria do início do século

¹O romance de formação, ou, *Bildungsroman* (termo original) é a maior contribuição da Alemanha para a literatura mundial (Oliveira, Pinheiro, 2019). No século XIX, este tipo de romance tinha as funções de ter a imprevisibilidade de manter as mudanças do passado sob controle e focar na essência da juventude, que costuma ser um período muito turbulento na vida, também em um nível micro, a estrutura episódica da história centra-se na natureza nova, simples e negativa da nova “experiência” (Moretti, 2020).

XX, era uma sociedade autoritária com um controle social. Além de servir de reflexão aos sistemas totalitários e ditatoriais que surgirão logo depois, o fascismo e o nazismo, como também pode ser interpretado como uma crítica ao sistema educacional em um internato escolar e da época. A repressão social na Áustria-Hungria se fazia pela sua força militar, conflitos e ocupações de outros territórios, já que o império era formado por várias nacionalidades e culturas. Por exemplo, nas vésperas da ocupação austro-húngara, do ponto de vista da cooperação, a ocupação iminente da Bósnia-Herzegovina surge apenas como um passo na realização de um ambicioso projeto imperialista e colonialista (Detrez, 2015).

Ao analisar esses aspectos, este estudo visa conseguir construir uma argumentação a respeito da representação da repressão social em *O jovem Törless* (1906) através da realidade social encontrada na vivência dos personagens no internato escolar masculino na narrativa. A partir da Sociologia da Literatura para o reconhecimento de como as relações sociais são fundamentadas no livro, pois a literatura, é uma transposição do real para o ficcional via uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. A combinação entre um elemento de conexão com a realidade natural ou social é um elemento de manipulação técnica essencial para sua configuração, resultando em uma atitude de gratuidade (Candido, 2006). Esta análise também se aprimora com exemplos específicos da obra, citações pertinentes de autores e análises de dados sobre os subtemas explorados na narrativa do livro.

O interesse dos pensadores em compreender a relação entre literatura e sociedade não é recente, embora tenha aumentado, especialmente na segunda metade do século XX, com a publicação, na França, em 1963, do *A teoria do romance*, de Georg Lukács, e também os estudos, ainda na década de 1950, de Lucien Goldmann, um dos mais ativos promotores dos estudos sociológicos aplicados à literatura. A iniciação teórica ocorreu no princípio do século XIX do que se pode nomear de Sociologia da Literatura, de acordo com Tadié (1992). Embora não menos importantes, estas origens datam do início do século XVIII ao século XIX, sendo a Revolução Francesa (1789) e a subsequente convulsão na vida intelectual europeia o acontecimento histórico que acendeu a aspiração a uma nova forma de pensar sobre o mundo, nova sociedade e novas formas de relações sociais, modificadas por estes choques históricos, e, finalmente, por uma nova forma de pensar o homem. A partir desta necessidade intelectual de explicar o que era novo na época, torna-se inevitável um novo olhar sobre a literatura e a arte em geral, como produtos de um novo homem numa nova sociedade (Araújo Neto, 2007).

No século XIX, de acordo com Araújo Neto (2007) a literatura era vista como uma forma de análise social estruturada, embora sua legitimidade fosse questionada quando comparada ao conhecimento científico. Um tempo depois, a Sociologia da Literatura foi se tornando uma área de estudo autônoma, especialmente com o surgimento das “novas sociologias” no final do século. As novas abordagens teóricas despertaram uma maior atenção para as práticas envolvidas nos processos literários e suas implicações para a sociedade. Esse campo não se limita a uma única metodologia, mas abrange uma variedade de perspectivas, como a crítica literária, a estética sociológica e a pesquisa histórica. Além de que, a literatura pode ser estudada em várias áreas de conhecimento, como, na psicologia, sociologia, antropologia, e, sendo um tema que está nas artes humanas, tem um fator que a torna complexa, ao poder ser analisada sob variados aspectos: linguístico, estilo literário, simbologia, histórico e psicanalítico.

A obra *Sociologia da Literatura* de Gisèle Sapiro se constitui como um dos grandes estudos desse campo para compreender melhor suas funções, Sapiro (2019, p. 78) afirma que “as obras literárias constituem uma fonte para estudar as representações sociais de uma época. Por suas representações sociológicas, a literatura realista se presta particularmente bem a este exercício”. A socióloga destaca que a função sociológica desse campo está em verificar o produto social resultado das práticas literárias.

Neste sentido, cada uma dessas tendências contribui para uma compreensão mais aprofundada das conexões entre texto e contexto, autor e sociedade, e literatura e realidade. A crescente inclusão de estudos literários em cursos de sociologia indica a relevância deste campo e sua conexão com outras áreas das ciências humanas e sociais. Além disso, a pesquisa tem o propósito de expandir as investigações acerca do livro, que coloca em destaque situações sociais que representam o indivíduo humano, como também períodos de repressão social, que podem ilustrar as problemáticas recorrentes que existem na nossa sociedade.

Outrossim, a literatura ficcional, assim como as demais artes de ficção, oferece perspectivas reflexivas e abordam em forma de “entretenimento e passatempo” aspectos da sociedade que em uma narrativa ficcional, às vezes, passam despercebidas ou não; ela ainda utiliza dentre outras áreas humanas em seu processo narrativo, pois, como relata Candido (2006) desde o século passado até a atualidade, este tipo de estudo tem permanecido insatisfatório, ou pelo menos incompleto, devido à falta de um método coerente, esta “ausência coerente” reflete o campo da Sociologia da Literatura que ainda encontra desafios em instituições mais tradicionais que limitam o recurso literário de ficção apenas na área de

Letras. Portanto, procura-se focalizar a relação entre a obra literária *O jovem Törless* (1906) e a sociologia, proporcionando reflexões acerca da sociedade e literatura como objeto analítico e representativo do ser social, para assim, evidenciar meios de pesquisa na academia que proporciona novas perspectivas de conhecimento, tendo um conjunto de termos e conceitos que permitem explorar o campo de estudo e escapar ao arbítrio dos pontos de vista.

Neste sentido, a Sociologia da Literatura tem um esforço constante para compreender as peculiaridades da representação literária da realidade social e as particularidades do fenômeno literário no contexto social. Desta forma, a atualidade deste estudo se revela devido às temáticas universais e atemporais de estudo humano que na obra *O jovem Törless*, se encontra, porque se aborda a repressão social através da sexualidade, abusos (psicológicos e físicos), questões morais e individuais, comportamentais e religiosas, sendo fatores sociais inseparáveis da sociedade.

A escolha pessoal do livro *O jovem Törless* para esta pesquisa acontece de um interesse focal em ler literatura LGBTQIAPN² e implicitamente homoeróticas (no caso de literatura clássica e antiga), também em razão das questões de denúncia a sistemas totalitários e psicossociais encontrados ao decorrer da história. Como um entusiasta e apaixonado por literatura e sociologia, creio ser gratificante adentrar na Sociologia da Literatura para aprofundar sobre como a literatura tem uma importância na construção do indivíduo humano. Meu envolvimento com a pesquisa, é uma curiosidade e interesse, que foi crescendo com o tempo, me despertando, me anestesiando e fazendo com que eu buscasse encaixar duas áreas que amo. Na verdade, li *O jovem Törless* justamente por isso exposto, como procuro livros com temáticas que se encaixam em uma área mais relacionada a meu objetivo, foi um achado para minha vida. Ademais, encontrei o livro em pesquisas na internet sobre literatura que se encaixam na minha ótica de interesse de leitura e estudo, sendo um campo mais endereçado a sexualidade, reflexões filosóficas e psicossociais, sendo assim, percebê-lo como um objeto de estudo se tornou um fator determinante em uma percepção crítica e analítica que visou seguir. Enfim, ele serviu como um meio que resume meus interesses e uma linha de pesquisa que almejo alcançar na minha vida acadêmica e profissional.

Através deste trabalho analítico da representação da repressão social destacada na obra *O jovem Törless* de Musil, propiciando o intuito de promover ainda mais reflexões acerca da repressão social que os indivíduos podem experimentar dentro dessas localidades, assim como

² Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-Binários, dentre outros.

acontece na sociedade, só que mais intenso, em razão da hierarquia evidente. A metodologia consta com um levantamento bibliográfico e abordagem qualitativa onde se pôde fazer uma análise de discurso, e das teorias de Antonio Candido, Zygmunt Bauman, Pierre Bourdieu, dentre outros sociólogos e estudiosos que relacionam sociedade e literatura nesse campo de conhecimento. Nas vertentes de análise da repressão social se utiliza Michel Foucault, Erving Goffman, dentre outros, para entender como os mecanismos de poder e as relações sociais estão presentes nesses ambientes.

Ao decorrer deste trabalho se apresenta primeiramente a Metodologia, que tem um levantamento bibliográfico, com uma abordagem qualitativa, que nos tópicos teóricos se aproxima de um processo de ensaios que Adorno (2003) define como os quais são formas de interpretação mais perto das teorias e que se constroem de maneira que saem do tradicionalismo instrumental hermético e científico, ou seja, se tem mais liberdade para uma análise de discurso e interpretativa.

Em seguida, em tópicos, se desenvolve o Referencial Teórico com o seguinte: no primeiro, discute-se a necessidade de uma “interdisciplinaridade” entre duas áreas de conhecimento, a sociologia e a literatura, buscando evidenciar as similaridades e as conexões entre as duas, além de pontuar a importância de estudos analíticos conjuntamente para compreender uma realidade social que se demonstra em livros ficcionais; no segundo, apresenta-se o livro *O jovem Törless* (1906) de Robert Musil e suas principais temáticas desenvolvidas ao decorrer do enredo, em consonância com as teorias em torno de internatos escolares e poder, que oferecem percepções ligadas aos preceitos comportamentais, sociológicos, psicossociais e políticos, pontuando discussões acerca das instituições disciplinares como modelos de um microcosmo social da sociedade dominante como aspecto de controle e repressão social e sua semelhança com sistemas totalitários; no terceiro tópico, obtém-se uma análise de dados mais densa sobre a sexualidade e a orientação sexual em seu conceito e papel social na sociedade, que demonstra sua percepção tanto no meio social quanto no livro, como também sua discussão no meio educacional proporcionando reflexões acerca do poder; e, no quarto e último tópico deste Referencial, o medo entra também como uma análise de dados, como fator frequente do emocional que os indivíduos podem presenciar nessas instituições, sua relação com a sexualidade e a religião que aparece na narrativa como uma vertente da moral que produz medo.

Logo depois, as seções de Resultados e Discussões, encerra os resultados e discute acerca da representação que a narrativa do livro faz da realidade social, neste ponto, em torno

de como o internato escolar, a sexualidade e o medo são usadas como representações de uma sociedade que limita os indivíduos, e como a obra literária tem esse intuito de abordar sistemas totalitários.

Este trabalho se finaliza nas Considerações Finais, salientando a relevância de uma análise sociológica da repressão social por meio da narrativa do livro *O jovem Törless* (1906) de Robert Musil, como também teve o objetivo de analisar como a narrativa do livro vai construindo a representação da realidade social. Dessa forma, o propósito foi incentivar reflexões críticas sobre a sociedade e aqueles que limitam a liberdade individual.

2 METODOLOGIA

Realizou-se um levantamento bibliográfico, com uma abordagem qualitativa que se concentrou na análise de discurso. Como Brizolla *et al.* (2020) evidencia, a abordagem qualitativa está alicerçada no princípio de que há diferentes tipos de saber e de ciência, assim como o conhecimento científico não é a única forma de conhecimento, sendo uma atividade que situa o observador no mundo. Além de ser um conjunto de técnicas de interpretação que torna o mundo visível.

Essa abordagem foi usada neste trabalho, ao ter a sua função de analisar o mundo em uma série de representações, aqui, as representações da repressão social no livro, ao envolver uma análise interpretativa. Isto implicou que os dados construídos examinaram as representações na narrativa da obra literária para entender a realidade social, buscando compreender ou explicar fenômenos em função dos significados que as pessoas atribuem a eles.

O foco principal foi o livro *O jovem Törless* (1906) de Robert Musil, que serviu como uma análise da repressão social e suas representações na narrativa. Como objeto de estudo, o livro permitiu uma reflexão aprofundada sobre as dinâmicas sociais e as relações de poder que permeiam a realidade social por meio da narrativa literária, o que enfatizou a reflexividade na Sociologia da Literatura, pois a questão da “reflexividade social” foi entendida como o reconhecimento de que diversas formas de conhecimento sobre o social têm implicações práticas para a sociedade ou ainda que as práticas sociais são afetadas constantemente pelo reexame constante de informações produzidas sobre elas (Botelho; Hoelz, 2016).

No que diz respeito aos tópicos teóricos, houve um processo semelhante a ensaios, porque por meio dessa forma de interpretação, se ficou mais perto das teorias abordadas, que

se desenvolveram de maneira a fugir do tradicionalismo científico, instrumental e hermético, que a sociologia da literatura propõe, o que permitiu uma análise mais livre (Adorno, 2003).

Para Adorno, a forma que possibilita essa mudança é o ensaio, pois ele é singular, assim como a vivência de vida com o meio social: “o ensaio obriga a pensar a coisa, desde o primeiro passo, com a complexidade que lhe é própria, tornando-se um corretivo daquele primitivismo obtuso, que sempre acompanha a *ratio* corrente” (Adorno, 2003, p. 33). Contudo, este trabalho não é um ensaio, mas se inspirou nesse processo para a construção do Referencial Teórico, porque seu intuito condiz com a construção concebida na argumentação.

Os dados foram construídos a partir de leitura de artigos, livros e a obra literária, que buscou a compreensão de como a repressão social é desenvolvida na narrativa e sua relação com a dinâmica social e humana. Na construção de dados, focou-se no campo de estudo, o livro, por meio de uma (re)leitura sistemática do material destinada a compreender os discursos que o escritor quis passar na narrativa, foi marcado os trechos de acontecimentos que mais evidenciaram a repressão social na narrativa, cada marcador indicava um acontecimento sobre sexualidade, internato escolar, medo e religião.

Além disso, obtiveram-se anotações e grifos desses trechos no livro em conjunto com um quadro que destaca essas partes das repressões sociais apresentadas. Desse modo, na releitura foi se construindo a análise de dados na sua relação com o referencial teórico, relacionando as teorias com o discurso que a narrativa proporciona.

A interpretação e a construção de dados foi feita pelo que a reflexividade evidencia, que a reflexão crítica é um fator importante em uma pesquisa, assim, se fez necessário a esse trabalho, obter uma imaginação sociológica indispensável para compreender a relação entre a vida individual e a estrutura social mais ampla (Wright Mills, 1982), ao permitir a compreensão da obra literária *O jovem Törless* não apenas as suas próprias circunstâncias, mas também as forças sociais presentes na realidade social.

Sendo assim, houve um exame e reexame crítico nos seus âmbitos no percurso da releitura da obra literária juntamente com as teorias discutidas, visando analisar, identificar, descrever e verificar aspectos importantes na obra literária. Além de que, conjuntamente, foi adotada uma visão reflexiva de compreensão dos fatores presentes na narrativa do livro como também na realidade social na condução desta pesquisa (Oliveira; Piccinini, 2009).

A análise de dados foi conduzida por meio de uma análise de discurso, ao focar em como a linguagem é empregada para criar significados e realidades sociais, sendo útil para compreender as variações, contextos e implicações ideológicas presentes nos textos literários

(Spink; Medrado, 1999). Além de ser possível examinar a maneira como determinados tópicos são abordados, e como compreensão das estruturas de poder e as ideologias que estão presentes na narrativa (Caregnato; Mutti, 2006). A análise de discurso foi mais apropriada neste trabalho por fornecer esses contextos e implicações ideológicas, pois a análise a partir da Sociologia da Literatura aplicada neste, se atentou nesse sentido de compreensão acerca de subtextos e significados metafóricos que representam a realidade social. Ao utilizar a análise de discurso, o pesquisador fará uma análise do texto, focando na posição discursiva do sujeito, legitimada socialmente pela união do social, da história e da ideologia, produzindo significados (Caregnato; Mutti, 2006).

Com base nas considerações de Spink e Medrado (1999, p. 26) sobre a prática discursiva, ao remeter: “aos momentos de ressignificações, de rupturas, de produção de sentido, ou seja, corresponde aos momentos ativos do uso da linguagem, nos quais convivem tanto a ordem como a diversidade”. Logo, os meios de discurso não se concentram apenas na oralidade, mas também na escrita e nas interpretações possíveis que se pode fazer com as referências culturais e sócio-históricas que se tem na sociedade.

Desse modo, esta pesquisa se enfoca no que os significados e os discursos representam na narrativa de *O jovem Törless*, pois sua representação se equivale justamente a fazer um microcosmo social e subtextual das problemáticas da realidade social por meio do seu enredo. Os discursos analisados foram construídos em consonância com as principais teorias utilizadas na construção do referencial teórico, como também as críticas, analogias e metáforas que a narrativa da obra oferece ao leitor. No entanto, a linguística e a semântica em si não foram analisadas aqui.

Vizibetti (2019) ressalta que enquanto a análise literária se concentra nas construções do romance, e mesmo tendo em vista a literariedade, a análise de discurso consegue compreender o histórico e o social do livro, foi o que aconteceu neste trabalho, que apesar de usar uma “análise literária” se atenta na de discurso. Portanto, simultaneamente, os personagens da história atuam também como sujeitos discursivos na narrativa.

A seguir, o Referencial Teórico traz as teorias que enfocam as questões apresentadas neste estudo. Ao mesmo tempo que apresentam pontos significativos na construção de cada uma das teorias, visa discutir de forma conjunta com a obra literária as camadas que a repressão social tem na narrativa do livro, como também na sociedade. O enfoque é analisar as complexidades que a repressão social obtém na realidade social e no livro, destacando

problemáticas sociais pertinentes. Contudo, o primeiro tópico tem a função de explicitar e refletir mais sobre a relação entre sociologia e literatura, e teorias importantes desse diálogo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico, será apresentado e discutido, sociologicamente, as teorias que embasam os principais aspectos abordados pela narrativa de *O jovem Törless*, que reflete a repressão social como representação da realidade social, esses aspectos são a sexualidade, o controle social e o medo. Interligando literatura e meio social, no campo da Sociologia da Literatura, tende a refletir e afirmar a literatura como campo de estudo viável para compreender a sociedade. É relevante destacar que as conexões e analogias com a obra literária, por meio de trechos e citações, são colocadas como método analítico e interpretativo para fortalecer as hipóteses e discussões difundidas no processo desse referencial.

3.1 Por um diálogo evidente entre sociologia e literatura

A sociologia evidencia sua capacidade fundamental de estudo e constatação do ser social e tudo que está ao seu redor. Tudo que o indivíduo cria, toca, maneja, destrói... é constituído de uma dimensão social. A literatura é um desses produtos criados por seres sociais como um objeto cultural, histórico e dialético entre a humanidade e suas expressões. Nela, se demonstra características de uma determinada época e aspectos culturais que servem também como um documento social e histórico. Literatura e sociologia estão em uma relação intrínseca, cooperativa e íntima de uma maneira que não se encontra em muitos outros produtos culturais, certamente de uma ligação bem clara, que a sugestão de sua separação imposta e motivadamente administrativa se torna pífia e míope (Bauman; Mazzeo, 2020). Os autores, ainda, pontuam que: “Nós buscamos argumentar e demonstrar que a literatura e a sociologia compartilham o campo que exploram, seu tema e seus tópicos — assim como (ao menos num grau substantivo) sua vocação e seu impacto social [...]” (Bauman; Mazzeo, 2020, p. 09).

Apesar da insistência que se pode encontrar em algumas instituições mais tradicionais de separar esses dois âmbitos na academia, os autores argumentam a necessidade analítica de estudo sobre o aspecto que ambas proporcionam a comunidade intelectual acadêmica como também a sociedade civil. Em virtude de sua indispensabilidade, para Candido (1995), a

literatura seria como moradia, alimentação, já que é fundamental para a humanização e o progresso das sociedades. Conforme o sociólogo, a literatura não é descartável, ao contrário de cosméticos e outras superfluidades capitalistas. Ela tem uma necessidade universal e um meio de desmascarar as injustiças sociais, sendo uma das suas principais funções uma resposta às mudanças sociais. Bauman, Jacobsen e Tester (2015) pontuam também que a literatura e sociologia,

[...] são complementares, mutuamente suplementares e reciprocamente enriquecedores. Não estão de forma alguma em competição (pelo menos, não numa competição predeterminada e inevitável) — muito menos em desacordo ou oposição. De maneira consciente ou não, deliberada ou desapaixonadamente, todos eles miram o mesmo objetivo; poder-se-ia dizer que “pertencem ao mesmo ramo de negócios” (Bauman; Jacobsen; Tester, 2015, p. 14).

Neste sentido, da proximidade intrínseca e mutualista entre a sociedade e a produção literária, Eagleton (2001) sustenta que a literatura, como e por quem é observada na sociedade, é ideologia, ou seja, assim como a religião, guardiã das relações de poder e de controle ideológico, materializando crenças e supostas convicções em práticas e está ligada a questões de poder social. Por isso, ela pode ser utilizada para um entendimento social de suas funções, ao ter circunstâncias que dependendo da classe social, condição econômica e sistema de governo, pode se tornar uma propriedade de hegemonia de pensamento, ou como um mecanismo de combate e reflexão crítica dessa hegemonia.

Uma das maiores atenções que podem se encontrar nessa separação que a academia delimita entre sociologia e literatura, se observa principalmente no contexto da literatura ficcional, ao captar uma essência humana que faz dramatizar e entreter os leitores por meio de uma alegoria social, o que já representa a fragilidade dessa insistência de separação.

O realismo, gênero literário que se aproxima de forma mais evidente a realidade social e se afasta de algo especulativo e sobrenatural, remete ao século XIX que se originou com o movimento realista da literatura francesa e russa. No contexto brasileiro, o realismo, baseado em uma perspectiva filosófica, pode ser estudado mediante uma série de cinco romances publicados entre 1881 e 1908, em que todos os indivíduos são iguais. Eles foram compostos em paralelo a inúmeros poemas, contos e outros romances por um único autor, Machado de Assis, ao ter uma perspectiva estética, esses textos são vistos como o início de um processo de emergência histórica de uma literatura brasileira entendida como discurso nacional; trata-se da “formação da literatura brasileira”, como é conhecido o conceito fundamental nos debates locais sobre historiografia literária, criado em 1975 por Antonio Candido (Gumbrecht;

Endebo; Rangel, 2018).

Outro ponto que deve ser destacado, é que para se buscar algum conceito da alegoria que Musil insere em sua obra através do microcosmo social que é o internato escolar, a teoria de Walter Benjamin (2013) se torna significativa, sua visão alegórica aproxima o pensamento de uma representação a linguagem, sendo assim, uma forma particular de perceber a realidade por meio da arte, pois “a alegoria [...] não é convenção da expressão, mas expressão da convenção” (p 183).

É, portanto, uma expressão de poder, secreta conforme a dignidade da sua origem, e pública se tivermos em conta o seu âmbito de validade e atuação, ainda se encontram as contradições, em contraste com o sentido frio e claro da metáfora, há uma solução linguística no próprio texto. É possível imaginar, sem contradição, um uso mais vivo e livre da linguagem da revelação, sem perder a sua dignidade, ou seja, por uma representação alegórica, porque oferece um aparato que melhor expressa uma forma crítica de ver a sociedade pela visão artística (Benjamin, 2013).

A literatura pode se constituir num campo (Bourdieu, 2002), pois a sua estrutura se observa no campo literário, como as funções sociais no espaço social mostra como os indivíduos estão enquadrados na sociedade. Sobre a teoria bourdieusiana, Sapiro (2019) aponta que a análise sociológica da criação das obras deve examinar o encontro entre um *habitus* e um campo, a interiorização do espaço dos possíveis como uma das condições para o entendimento das regras do jogo e da dimensão reflexiva, a qual é a autonomia relativa do campo. Dessa forma, os textos circulam fora do contexto, sendo inseridos e interpretados conforme a estrutura do campo de recepção. Entretanto, o significado e a função de uma obra são determinados pelo campo de recepção e campo de produção. Assim sendo, é necessário criar um conhecimento científico dos campos de produção nacionais e das categorias nacionais de pensamento que engendram e propagam esse conhecimento das duas áreas, sociologia e literatura (Bourdieu, 2002). Para Sapiro,

A sociologia da literatura se dedica a estudar o fazer literário como fazer social. Isso implica uma dupla interrogação: sobre a literatura como fenômeno social, do qual participam várias instituições e indivíduos que produzem, consomem e julgam as obras; sobre a inscrição das representações de uma época e das questões sociais nos textos literários (Sapiro, 2019, p. 11).

A socióloga explica que o significado de uma obra literária ou criação cultural não se

reduz à intenção do seu autor. Além de o escritor não estar sempre ciente de suas ações, algumas situações no seu cotidiano podem se entrelaçar com a escrita e isso só se torna perceptível depois de algum tempo, o significado da obra pode estar diretamente relacionado a aspectos que escapam ao produtor, porém isso, às vezes, não ocorre, o autor faz metáforas e alegorias do seu contexto social intencionalmente como uma reflexão e crítica.

Ademais, Sapiro (2019) entende que o significado de uma obra não está somente na sua construção interna, como pretendem os hermenêutas, mas também em um espaço dos possíveis nacional ou internacional, cujos contornos são determinados pelo conjunto das produções simbólicas do presente e do passado, onde se situa no momento de sua publicação ou de sua republicação. A obra singular é caracterizada por sua conexão com outras produções em relação ao tema, gênero, composição e método, apresentando representações do mundo social que podem ser mais ou menos compartilhadas pelos contemporâneos (consoante o grupo social: classe, gênero, sexualidade, nação, etnia...) e se encontra nos textos não literários.

Sapiro (2019) ainda pontua que, entre literatura e sociologia, sempre houve conflitos, concorrência, mas também trocas e impregnações recíprocas. A literatura se interessa pela vida social, que ela retrata de acordo com diferentes perspectivas. Desde então, a sociologia da arte se tornou uma disciplina. É necessário esperar até a segunda metade do século XX para ver a emergência da sociologia da literatura. Esta se inicia, nos estudos literários, antes de se tornar uma especialidade na área sociológica. Esse campo que entrelaça sociologia e literatura considera a literatura uma atividade social que depende de condições de produção. A circulação dela é um aspecto relacionado a valores e a uma “concepção de mundo”. É necessário, portanto, examinar as conexões entre o texto e o contexto, resultando na tensão entre análise interna e análise externa, com a primeira focando na estrutura das obras, enquanto a segunda foca em sua função social. As tentativas de superar esta clivagem chamaram a atenção para as ligações entre a obra e suas condições de produção (Sapiro, 2019).

Ademais, sobre a literatura, mas precisamente, a ficcional e sua relação com a sociedade, Candido *et al.* (1976) reflete sobre a personagem inserida neste contexto:

A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste

(Candido *et al.*, 1976).

Os autores refletem essa ficção como um produto do real, sendo direta ou indiretamente perceptível. Neste ponto, conclui-se como toda produção ficcional tem uma relação com o meio social e individual que se interconecta com o ambiente sócio-histórico. Todavia, sobre a discussão acerca da validade da literatura como objeto analítico das ciências histórico-sociais, mas precisamente das ciências sociais, Moretti (2007) em seu livro de ensaios, critica àqueles que apontam uma “ambiguidade” e outros conceitos contra a análise literária-sociológica:

Enquanto a crítica continuar a girar em torno de conceitos tais como "ambigüidade" e outros semelhantes, será inexoravelmente forçada a multiplicar, em vez de reduzir, os obstáculos que todas as ciências sociais enfrentam quando tentam dar a si mesmas uma base comprovável. E tudo à toa! Por Hécuba!, dá vontade de acrescentar. Afinal, a questão não é se o uso literário da linguagem é especialmente polissêmico ou não. Ele é polissêmico. Mas de forma alguma isso torna impossível realizar análises unívocas e potencialmente completas e, portanto, refutáveis; só faz com que essas análises acabem abordando o texto não como se este fosse um vetor que aponta numa só direção e num só sentido, mas como se fosse uma fonte de luz que se irradia em várias direções ou um campo de força em equilíbrio relativamente estável. Esses objetos são mais complexos que uma simples seta, mas uma análise empírica e comprovável deles é inteiramente possível, contanto que se busque analisá-los e descrevê-los como estruturas [...] (Moretti, 2007, p. 36).

O autor argumenta também, ao decorrer do ensaio, que a literatura é a instituição social mais onívora, manejável para satisfazer exigências sociais, ambiciosa ao não admitir que limites venham a sua esfera de representação. Não se pode pedir que essa heterogeneidade desapareça, mas sim que reflita fielmente a diversidade dos textos examinados (Moretti, 2007).

O jovem Törless, é um livro inserido no gênero de romance literário, mas precisamente, *romance de formação* que Moretti (2020) pontuaria como *romance de formação tardio*, sendo assim, acredita-se que, entre 1700 e 1800, há algo muito maior do que apenas a recuperação da juventude, o jovem adquire então sua importância simbólica e nasce; e a grande razão do romance de formação é que se deve dar antes e mais do que um sentido à juventude, um sentido à modernidade. Moretti (2020) ainda acrescenta que,

No curso do século XIX, o romance de formação cumpre três tarefas simbólicas fundamentais. Tem sob controle a imprevisibilidade da mudança histórica, centrando-a na representação da juventude, que é um momento muito turbulento da

existência, é claro, mas também breve e bem delimitado no tempo. No plano micronarrativo, a estrutura do episódio romanesco coloca em foco a natureza nova, flexível e antitrágica da “experiência” moderna. Por fim, o herói romanesco, multilateral e anti-heróico, afirma uma forma inédita de subjetividade: cotidiana, terrena, flexível — “normal”. Uma história menor e pacífica em que um Eu a um só tempo fraco e versátil cumpre seu aprendizado: excelente combinação para a Grande Socialização das classes médias europeias. Mas as questões da história mudam, e as velhas soluções param de funcionar. Voltemos então ao nosso grupo de romances — que, na falta de um termo melhor, chamarei de “romance de formação tardio” — e busquemos compreender quais são os novos problemas (Moretti, 2020, p. 241–242).

E Bakhtin (1993) também discute o papel social que o plurilinguismo, ou seja, a função do texto em várias direções e interpretações sociais, se faz ativo na literatura, principalmente, no romance, e como existe uma interconexão de discursos com a sociedade:

O romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais [...]. E é graças a este plurilinguismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orquestra todos os seus temas, todo seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo. O discurso do autor, os discursos dos narradores, os gêneros intercalados, os discursos das personagens não passam de unidades básicas de composição com a ajuda das quais o plurilinguismo se introduz no romance. Cada um deles admite uma variedade de vozes sociais e de diferentes ligações e correlações (sempre dialogadas em maior ou menor grau) (Bakhtin, 1993, p. 74 – 75).

Isso significa que representa uma variedade grande de temáticas que podem ser desenvolvidas nesse gênero, assim como em outros, um gênero literário delimita as observações sociais e culturais da narrativa. Leão (2009, p. 303) aponta que “fazer sociologia com o texto literário implica, antes de tudo, a compreensão de seu funcionamento social, dos valores e das representações que mobilizam os atores sociais envolvidos com o trabalho de criação.” Vai além da escrita, do texto, o contexto é o ponto que tem um valor mais alto para a análise sociológica.

Neste contexto, não se pode ignorar as conexões estreitas entre a criação e a mediação na produção literária. O escritor é um conjunto de fios que envolve diversos mediadores, ele é uma figura nascida e criada a partir de uma subjetividade original e que, uma vez tendo imposto seu nome, enfrenta, ao longo da história de sua criação, a arena monopolizada pelos editores, onde disputa o direito à propriedade monetária sobre o produto do seu trabalho (Leão, 2009).

A relação entre sociologia e literatura em *O jovem Törless*, é uma das primeiras e mais agressivas críticas aos sistemas totalitários europeus e mundiais, colocando-se em alegoria

através das palavras o que se retrata na realidade social. No acompanhamento da vida juvenil de Törless em um internato escolar, percebe-se o protesto contra toda e qualquer repressão social que se impõe à custa da violação da liberdade do indivíduo. Sendo assim, o caráter de representação que a literatura proporciona a uma sociedade opressiva pode se tornar reflexiva e crítica.

No próximo tópico, se apresenta detalhadamente a narrativa do livro com seus personagens, e sua função social de um microcosmo da sociedade e representação de um sistema total e crítica ao meio educacional. Esse microcosmo é como se fosse uma sociedade, ou melhor, uma “pequena cidade” compactada em forma de internato escolar. Nele, as relações entre os estudantes, os dirigentes do internato, as torturas, a violência; reflete e tem um teor de denúncia de um sistema repressivo que se assemelha com o nazifascismo que surgiria uns anos depois e assombraram a história da humanidade.

3.2 O jovem Törless: uma denúncia a sistemas totais por meio do internato escolar

No livro *O jovem Törless*³, nota-se uma denúncia do poder totalitário fazendo uma metáfora com um internato militar escolar masculino rigoroso que se converte em uma negligência, ocultamento e impunidade perante aos relatos tardios de abusos psicológicos, sexuais e físicos de um aluno, Basini, que sofre nas mãos e tirania de outros colegas.

A primeira edição foi publicada em 1906 pela editora *Wiener Verlag*. Baseado no aspecto psicossocial de quatro estudantes, este romance reflete as estruturas sociais de poder e estabelece a ligação entre o desejo intelectual e o controle. Esta ação ocorre no contexto da descoberta do corpo e no conflito entre a racionalidade e as emoções, por um lado, e a psicologia e a incrível experiência do mundo, por outro (Neumann, 2014).

A trama literária, também envolve em uma representação de um sistema repressivo que critica o meio educacional e a sexualidade reprimida, buscando trazer ao leitor uma reflexão das relações sociais e psicológicas em contextos de confinamento e perspectivas individuais que fazem pensar sobre como a liberdade individual de um ser humano chega a ser menosprezada e infringida.

É importante saber um pouco mais sobre o escritor, Robert Musil, nascido em 6 de

³ Existe uma adaptação cinematográfica alemã de 1966 da obra, dirigida por Volker Schlöndorff. Encontrada disponível *online* apenas no idioma original e legendada em inglês e francês.

novembro de 1880 em Klagenfurt. Faleceu no exílio em Genebra, em 15 de abril de 1942, onde viveu como escritor e ensaísta. Ele também viveu anteriormente em Berlim e Viena. Nas suas obras literárias e jornalísticas, Musil respondeu às preocupações da Europa nas primeiras décadas do século XX e mostrou a revolução do seu tempo em termos de ensinamentos científicos e humanísticos.

O autor ficou famoso por sua obra principal, o livro *Der Mann ohne Eigenschaften* [*O Homem Sem Qualidades*], publicado em partes em 1930 e 1932, em meio à turbulência política que se seguiu na obra do Nacional, o livro ficou ainda inacabado. No entanto, de acordo com uma biografia de Robert Musil divulgada pela Sociedade Internacional, em vez de um livro que permaneceu inacabado, Musil deixou um “laboratório de escrita de pensamentos em milhares de artigos” (Neumann, 2014).

Quanto ao enredo da obra analisada, apresentarei alguns pontos importante: O protagonista vai voluntariamente para um internato militar escolar, considerado um lugar para proteger a juventude das influências más de uma grande cidade, embora, segundo Hermann (2018) é possível acontecer o oposto; ou seja, é o ambiente escolar que corrompe os alunos. Törless se relaciona com dois colegas mais velhos, Reiting e Beineberg, jovens e de famílias ricas, porém cruéis e violentos.

Na obra, Reiting é caracterizado como um tirano, que busca o poder, como sugere Nietzsche (2005), que de acordo com Hermann (2018), foi um filósofo bastante conhecido de Musil. Reiting é maldoso, sua diversão consistia em atirar pessoas umas contra as outras, submeter-se com a ajuda delas e se alimentar dos agrados e das adulações forçados que conseguia obter, por trás dos quais sentia a resistência do ódio de suas vítimas. Beineberg, por sua vez, era um intelectual mistificador, com influência da filosofia indiana, que sustentava sua superioridade no misticismo e na defesa do sacrifício que purifica o cosmos.

Outro personagem importante é Basini, apresentado com baixa capacidade intelectual, inferioridade moral, porque mentia por vaidade, mas possuía um agradável e envolvente encanto. O conflito começa quando descobrem que Basini furtou dinheiro do armário de Reiting. Ao decorrer do romance de formação se demonstra como se preparam as formas de autoritarismo, assim, a violência aumenta cada vez mais, apoiada num crescente desejo de poder sobre aquele que é considerado fraco, de forma totalmente indiferente ao seu sofrimento (Hermann, 2018).

Se faz necessário apresentar alguns momentos cruéis, mas essenciais no livro Törless,

Beineberg e Reiting planejam que toda a turma ataque Basini como uma punição definitiva. Todos os alunos da sala de aula começam a lançar olhares indignados a Basini, depois todos se reúnem no fundo da sala e chamam ele, logo em seguida, o mandam ficar nu: “O habitual procedimento de mandar Basini despir-se divertiu a todos, após terem trancado todas as portas e colocado vigias” (Musil, 2019, p. 131). A partir disso, ocorre a última e “definitiva” das muitas torturas psicológicas e físicas que aconteceram com o personagem. Na dinâmica de violência grupal, um empurra Basini, outro também, e assim sucessivamente até aparecer feridas e o personagem começar a sangrar.

Neste sentido, Foucault (1999) desenvolve uma teoria sobre técnicas disciplinares que se enquadra no representado na obra de Musil, pois, quando a equipe dirigente foi notificada desse acontecimento de violência grupal envolvendo Basini, vê-se a instituição usar técnicas baseadas no exame e na investigação. Elas, as autoridades do internato, organizam um processo inquisitorial para investigar os fatos e interrogar os alunos, como uma atitude que possa até parecer exemplar, mas que em um determinado momento se mostrará falha.

Mediante o exposto, percebe-se que o sistema educacional, principalmente de um internato escolar, está constituído de um micropoder, como afirma a teoria foucaultiana, porque se observa uma existência de um jogo de forças, uma disputa e um estado de guerra no grupo dos estudantes internados, sendo assim, é impossível não notar a agressividade e a repressão social que os atingem (Benelli, 2002). Portanto, nesse contexto, a questão da disciplina entra em vigor por trazer uma história no qual os alunos oferecem repressão perante a outro aluno, como também a impunidade e injustiça que Basini sofre por meio dos dirigentes do internato por não ter uma consequência e política justa aos seus agressores. Na história de *O jovem Törless*, tanto Reiting e Beineberg, quanto Törless, fazem uma vigilância com Basini:

Aceitaram, portanto, uma sugestão de Reiting. Decidiram manter Basini sob vigilância, de certa forma sob tutela, oferecendo-lhe uma oportunidade de trabalhar para sair daquela situação. Dali por diante, seus ganhos e gastos seriam severamente conferidos, e suas relações com os outros alunos dependeriam da permissão dos três (Musil, 2019, p. 50).

O enredo prossegue apresentando como funciona essa dinâmica de vigilância que os estudantes fazia com o outro:

No dia seguinte, Basini foi colocado sob tutela. Não sem alguma solenidade. Aproveitaram uma hora da manhã durante a qual escaparam aos exercícios ao ar livre num extenso gramado do parque. Reiting fez uma espécie de longo discurso. Advertiu Basini de que ele estragara sua existência, de que na verdade deveria ser

denunciado; ele devia unicamente a uma graça especial o fato de que por enquanto o livrassem da vergonha de uma expulsão. Depois puseram-no a par das condições especiais. Reiting assumiu a vigilância dos ganhos de Basini. Este empalideceu e não disse uma palavra e pelo seu rosto não se conseguia ver o que se passava em sua alma. Törless julgara a cena alternadamente de muito mau gosto e muito importante. Beineberg prestara mais atenção em Reiting do que em Basini (Musil, 2019, p. 51).

Em algumas páginas seguintes, Beineberg fala que: “ – Está enganado se pensa que o castigo me interessa tanto. Sim, também poderemos lhe aplicar uma punição... Mas, para ser breve, tenho outra intenção com ele, quero... bem, digamos logo... quero torturá-lo...” (Musil, 2019, p. 59).

Como se observa, o conceito de “*vigilância e punição*” em ambos os sentidos que Foucault disserta podem se relacionar com o livro, tanto no sentido da realidade de uma vigilância no internato, conhecido por sua rigidez e controle de rebeldia no contexto narrativo, como também da vigilância promovida pelos agressores que acontece no enredo (Musil, 2019).

Em uma deturpação da filosofia indiana e do seu misticismo, Beineberg coloca pontos que “justificam” as torturas feitas a Basini:

Beineberg falava com a maior gravidade, com toda a sua excitação contida. Törless manteve os olhos fechados quase todo o tempo; sentia a respiração de Beineberg, aspirava-a como a um anestésico sufocante. Entrementes, Beineberg concluía seu discurso: — Assim, você pode ver qual é o meu interesse nesse caso. O impulso de deixar Basini livre tem origem externa e inferior. Pode segui-lo. Mas para mim é um preconceito do qual tenho de me libertar, como de tudo o que me desvia do caminho para o meu interior mais recôndito. “Exatamente porque me custa torturar Basini — quero dizer, degradá-lo, rejeitá-lo —, exatamente por isso, é bom. Pois exige sacrifício. Surtirá efeito purificador. Devo isso a mim mesmo; e preciso aprender com Basini, diariamente, que ser apenas humano nada significa, é mera aparência, uma macaquice...” (Musil, 2019, p. 61).

Esse efeito “purificador” era porque acreditava estar salvando a alma da vítima, na punição enfrentada pelo personagem em tormentas físicas, sexuais e psicológicas, como também na sua própria psique de aceitar e concordar com tais punições e crimes.

Além do interrogatório que todos os estudantes-internos tiveram que passar com os dirigentes para descobrir quem foram os principais culpados da violência grupal, que logo em seguida, revela cruelmente a impunidade da justiça, pois a vítima foi a culpada, e os agressores foram só advertidos, trazendo-se a questão sobre a “humanidade” dos infratores.

Como o poder sobre a sexualidade é um fator que acontece em sistemas de repressão, o próprio seria exercido do mesmo jeito em todos os níveis. De cima a baixo, tanto em suas decisões globais quanto em suas intervenções capilares, não importando os órgãos ou instituições em que se apoia, a ação seria uniforme e maciça, seguindo as regras simples e reproduzidas da lei, da interdição e da censura: do Estado à família, do príncipe ao pai, do tribunal às quinquilharias das punições quotidianas, das instâncias de dominação social às estruturas estruturais do indivíduo, encontrando-se, em escalas diferentes, apenas uma forma geral de poder (Foucault, 2005).

Atenta-se, como estruturalmente, tudo está interligado ao poder de como os indivíduos devem agir, se portar, se sentir. A discussão pífia e a censura acerca desses assuntos apenas cegam os indivíduos em uma alienação e aceitação involuntária e imprópria, é como se a maioria somente aceitasse os “*Termos e Condições*” sem ao menos terem lido o que estão “aceitando” como acontece no nosso cotidiano.

Na visão foucaultiana, o controle disciplinar sobre a sexualidade se dá não apenas por meio dos mecanismos negativos do sexo (repressão, proibição, censura, negação), porém, também por fomentar o debate sobre o que move a produção de conhecimento sobre a sexualidade. Além de que ao propagar esse discurso, o conhecimento sobre sexo será construído e legitimado em uma sociedade ocidental sedenta de conhecimento verdadeiro. Esse conhecimento, construído por meio do mecanismo da confissão, foi utilizado primeiro por instituições religiosas e posteriormente por instituições científicas como a medicina, permitindo assim a percepção do prazer pessoal. Dessa forma, conseguimos formular uma ordem categórica e normativa que estabelece padrões de comportamento sexual (Melo *et al.*, 2010).

Sendo assim, os autores frisam que a concepção foucaultiana de poder é uma rede de relações relativamente hierarquizadas e organizadas, na qual o poder não parte de um ponto central para as outras regiões, mas se espalha por todas as direções, atingindo a totalidade dos indivíduos. Assim, o que realmente existe são as táticas de poder, que não seriam concebidas por um sujeito definido. Com base nessas considerações, examinamos nos discursos analisados como o dispositivo da sexualidade pode ser utilizado na educação sexual nas escolas, sabendo que estão intimamente relacionados às relações de poder que permeiam essa prática. Observa-se que nessa concepção as situações ficam bem mais preocupantes ao endereçar a um determinado modo de romper com um pensamento que não é visto como o “habitual”, “o certo”.

Em outras palavras, o sistema de padronização da sociedade fica fixo e estagnado com o intuito de que esse poder não seja modificado com um conhecimento e ensino diverso nas instituições de educação. Ressalta-se que, a observação e análise proferida, resultou em aticar o pensamento crítico e a reflexão sobre como esse ambiente institucional é controlado, demonstrando que o próprio não é diferente dos demais aspectos da sociedade, mas sim um produto da própria sociedade para ter um controle mais pontual e eficaz. Pois assim, o poder está intrínseco no conceito comportamental, de grade curricular e na forma de ideologia conservadora inserida no meio social.

Adentrando na teoria de Goffman (1987) pode-se perceber que sua linha de análise coloca como compreensão da complexidade dos momentos e situações que o indivíduo está inserido, pois isso interfere no seu meio social e comportamental, baseando-se nisso sua teoria traz uma perspectiva primordial para a construção psicossocial de uma pessoa em uma instituição disciplinar porque com as interações sociais controladas devido a uma disciplina e um regimento. Goffman, continua sua análise minuciosa do funcionamento institucional e dos diversos eventos que ocorrem nesse ambiente social específico e fornece informações valiosas sobre os métodos empregados na formação de indivíduos.

Seria possível compreender como elas produzem a subjetividade dos que a compõem, tanto os internos quanto os dirigentes. Quanto mais preciso for nosso conhecimento acerca da subjetividade institucional, do processo de desenvolvimento psicológico que ocorre dentro dela, das variáveis internas que a impedem ou favorecem, bem como das influências externas que podem favorecer, dificultar, desviar ou deformar, melhor será para sabermos onde concentrar nossos esforços teóricos, técnicos e éticos (Benelli, 2014).

Outrossim, o indivíduo é doutrinado e alienado dentro deste local, fazendo com que perpetue tais modos de vivência. É claro que existem os desviantes, aqueles que tentam uma ruptura e conseguem fugir desse caminho. Pelo contexto foucaultiano, que se pode comparar como um poder disciplinar pelo ideal de marcar a alma do indivíduo que Beineberg destaca em seu viés e justificativa de acontecer as torturas com Basini, sendo esse, o motivo de existir a vigilância e a punição. Aponta-se ainda, o porquê as autoridades judiciárias deixaram de usar a tortura violenta com o proposito de matar, e começaram a buscar formas de “corrigir” os condenados, como as torturas que possibilitam destruir o psicológico.

Neste ponto, pode se relacionar com alguns episódios que acontecem em *Törless*. Basini sofre várias torturas de seus colegas em consequência do tal furto que fez, isso

desencadeia uma alegoria sobre o poder totalitário, retrata-se no trecho uma das cenas de violência:

Beineberg começou a desfiar os crimes de Basini, num ritmo regular, com voz rouca. Depois perguntou: — Então você não se envergonha mesmo? Um olhar de Basini para Reiting, parecendo dizer: “Agora está na hora de você me ajudar.” Nesse momento Reiting desferiu-lhe um soco no rosto. Basini cambaleou para trás, tropeçou numa trave e caiu. Beineberg e Reiting saltaram atrás dele. O lampião tombara, a luz escorria perplexa e preguiçosa pelo solo na direção dos pés de Törless. Este percebeu, pelos ruídos, que arrancavam as roupas do corpo de Basini e o açoitavam com algo fino e flexível. Obviamente já tinham tudo preparado. Ouviu os soluços e as queixas meio abafados de Basini, que suplicava piedade; por fim, era apenas um gemido, como um uivo contido, entremeado de insultos e da respiração ardente e apaixonada de Beineberg. Törless não se movera. Logo no começo tivera um desejo animalesco de saltar e bater também, mas reteve-o a impressão de que chegaria tarde demais e seria supérfluo. Seus membros estavam paralisados. Ficou olhando o chão à sua frente, aparentando indiferença. [...] (Musil, 2019, p. 71).

Esta representação a um governo totalitário, não é coincidência, tanto pela questão do Império austro-húngaro que se ambienta como pano de fundo na criação da obra literária, como também no teor de representar a repressão a que os indivíduos são submetidos, devido a esses sistemas repressivos. Uma vez que, segundo Bertonha (2014), em austro-húngaro existia uma combinação de repressão e algumas concessões que possibilitaram ao Império restabelecer o controle de situações políticas, consolidando sua posição como potência dominante na Alemanha e Itália. Pois, o Exército era visto como a principal força de sustentação da Monarquia para manter a ordem, unidade e estabilidade da região.

No próprio Império, diversas forças políticas e sociais viam os militares como defensores do conservadorismo a ser combatido, opondo-se a qualquer medida que fortalecesse as forças armadas. Isso resultava em resistência nos Parlamentos, especialmente o austríaco, a propostas de aumento do financiamento militar ou do efetivo do Exército.

Além desses fatos, em alguns momentos na narrativa do livro, Beineberg e Reiting, os personagens que praticam de forma ativa e direta as torturas a Basini tem ideais militares e/ou nazi-fascistas antes mesmo do nazismo e fascismo surgirem, pois a obra consta a publicação em 1906, esse tom profético e essa antecipação que a obra proporciona nos possibilita pensar sobre como a sociedade enfrenta dilemas de perversidade e tirania há bastante tempo. Em outro trecho, pode-se analisar, uma técnica que o nazismo usaria com pessoas, animalizá-las:

[...] Basini esboçou um gesto de protesto. Reiting ameaçou saltar outra vez sobre ele.

Então Basini disse: — Mas, pelo amor de Deus, suplico a vocês, não tive outra saída! — Cale a boca! — gritou Reiting. — Estamos fartos de suas desculpas! Sabemos muito bem quem você é, e vamos agir conforme... Breve silêncio. De repente, Törless disse baixinho, quase amavelmente: — Diga: eu sou um ladrão. Basini arregalou os olhos assustados; Beineberg deu uma risada de aprovação. Mas Basini ficou calado. Então Beineberg deu-lhe um empurrão e gritou: — Não ouviu? É para você dizer que é um ladrão! E vai dizer imediatamente! Novamente um silêncio breve, quase imperceptível; depois Basini disse baixinho, de um fôlego só e com a entonação mais inocente possível: — Eu sou um ladrão. Beineberg e Reiting disseram a Törless, rindo, divertidos: — Você teve uma boa ideia, filhote. E para Basini: — E agora você dirá imediatamente: eu sou um animal, um animal que rouba, sou um animal, um ladrão, o porco de *vocês*! E Basini disse tudo, sem se interromper, os olhos cerrados. Törless voltara a se recostar na escuridão. Sentia nojo da cena, envergonhava-se de ter revelado aos outros sua ideia [...] (Musil, 2019, p. 74).

Esse episódio representa a desumanização de uma pessoa como ser humano, a tratando como um animal e retirando sua humanidade. Assemelhando-se aos ratos que representam os judeus e os gatos, os nazistas, na história em quadrinhos *Maus* (2009) de Art Spiegelman, que na narrativa serve como alegoria de caça, pois os gatos caçam os ratos. Esse fato discurrido se parece nesse sentido com a da obra de Musil, a atribuição a características de porco a Basini, legitima a violência produzida como um fator de “correção” da penalidade infligida que foi o furto, por isso, o obrigam também a falar ser um ladrão.

Toda a tortura psicológica reflete o que acontece com indivíduos em que são torturados e desumanizados por um sistema totalitário. Adorno denomina a “educação” dos fortes, ou seja, as torturas e castigos de “educação” por disciplina, aplicado a Basini diretamente pelos outros alunos, na qual ser duro significa apenas “indiferença” à dor. Adorno ainda afirma que, há muito tempo, a ideia de que a virilidade é um grau máximo de habilidade para lidar com a dor se transformou em uma forma de masoquismo (situação que pode se presenciar com Basini) que, como evidenciado pela psicologia, tem similaridades facilmente ao sadismo (Adorno, 1998).

Pode-se confirmar que isso antecipa o ambiente do nazismo, que acaba sendo propagado por Reiting ao manifestar que aprecia os movimentos de massa, pois ninguém resolve nada, e que ainda assim, as ondas se elevam cada vez mais até atingirem as cabeças de todos, eles vão ficar felizes e ninguém se moverá e ainda haverá uma grande tempestade, e que para ele, será uma experiência maravilhosa promover algo como isso (Musil, 2019).

Gurski e Perrone (2021) pontuam que esta questão da estrutura da constituição torna-se interessante quando pensamos no contexto social e político da época em que *Törless* concebeu. Esses primeiros anos do século XX foram responsáveis pelo desaparecimento

gradual das ilusões iluministas na esfera cultural e das ilusões progressistas na esfera política, uma época em que as instituições tradicionais, a igreja e os militares, por exemplo, se viram fortalecidas. Então esses líderes assumem cada vez mais traços totalitários, levando os indivíduos a uma dolorosa sensação de fragilidade. Não somente isso, essa relação entre, o livro *O jovem Törless* e sua proximidade com a sociedade reflete que,

Os jovens dos romances tardios de formação revelam que a lógica do desejo e a primazia do sujeito se desfazem em nome das instituições sociais de inclinação totalitária, questão que, mais tarde, aparecerá com materialidade na formação da juventude hitlerista. É desse modo que a socialização da época, como dimensão de alienação à demanda do Outro social, operou fazendo resistência ao despertar da adolescência como movimento de diferenciação da demanda do Outro. A guerra civil que habitava o interior pulsional dos jovens, no tempo social de Törless, foi enfrentada com a construção de um horizonte totalitário e estático (Gurski; Perrone, 2021, p. 12)

Desse modo fica evidente o propósito que o livro quis representar e relatar naquele período, mesmo que sua “antecipação” pareça excessiva e talvez pretensiosa, é exatamente isso que retrata. Ainda sobre o personagem Reiting, Törless o achava exagerado, e o próprio Reiting “[...] Esperava obter da mãe a informação de que havia importantes tarefas à sua espera: sonhava com golpes de estado e altas políticas. Por isso, pretendia ser oficial do Exército.” (Musil, 2019, p. 42).

Logo em seguida, relata-se que o personagem era um tirano e impiedoso. A análise mostra que a representação inserida na obra tem um fator de refletir sobre esses aspectos de controle de individualidade e espelha as imagens de uma sociedade da época como também as que viriam com governos tiranos que iriam ceifar e destruir milhões de vidas. Desse modo, a observação de Giddens (1991) sobre o totalitarismo se faz necessária:

O totalitarismo é diferente do despotismo tradicional, mas é muito mais aterrador como resultado. O governo totalitário combina poder político, militar e ideológico de forma mais concentrada do que jamais foi possível antes da emergência dos estados-nação modernos (Giddens, 1991, p. 17).

Giddens (1991) coloca em destaque como as artimanhas em um poder total se faz mais complexa e difundida, devido à combinação entre política, militarismo e ideologia. No entanto, voltando-se a análise sobre o internato tem uma extensa trajetória e se insere em contextos sociais e históricos que evoluíram significativamente. Nos acontecimentos da Revolução Francesa, houve uma longa discussão sobre educação e escolarização (Julia, 1981).

Em primeiro lugar, de acordo com Guigue e Boulin (2016) o internato foi visto como uma tática de combate às diferenças individuais e aos laços familiares e sociais, além de promover a justiça social. Nesse aspecto, *Le Pelletier de Saint Fargeau* criou, em 1793, um plano que determinava que as crianças de 5 a 12 anos fossem retiradas das suas famílias e educadas em Casas de Educação Comunitárias. A separação da família foi considerada uma condição indispensável para o desenvolvimento adequado das habilidades da criança em seu país.

No entanto, os internatos não serviam somente para essa função, como lição moral e castigo era comum em outras regiões, principalmente para combater a rebeldia juvenil e o comportamento inadequado. Pontua-se que nenhum dos projetos discutidos pôde ser implementado durante a revolução e seu caráter radical nos parece atualmente bastante utópico. Contudo, as preocupações que surgiram a partir daquele momento ainda são relevantes: a luta contra as disparidades, a justiça social e a divisão do trabalho educacional entre a família e a instituição de ensino. Neste sentido, tinha várias funções, a ideia em torno de uma instituição disciplinar como o internato fosse algo positivo para se formar um cidadão e um “bom moço”, porém os impactos negativos na vida e formação dos internos já era de se esperar pela índole opressiva presente nessas instituições (Guigue; Boulin. 2016).

No contexto de Foucault (1999) e as instituições disciplinares perante a sexualidade, têm-se essas instituições como um “*cárcere*” de limitação e vigilância em torno dos indivíduos, que estão nessas localidades. O teor opressivo se coloca como um dispositivo de controlar e reprimir os estudantes, que os poda e insere em uma lógica “normativa” de um ideal de uma pessoa civilizada e cidadã. Em uma sociedade conservadora e tradicional, por mais “progressista” e “mente aberta” que algumas pessoas relatam serem, é estrutural, normalizado e naturalizado de fazer com que todos sigam uma norma excludente e moralista.

Quando se coloca no contexto da educação se pensa em mentes em desenvolvimento e preparadas para receber conhecimentos. É a forma mais fácil de conseguir privar e proibir uma sociedade diversa e diferente da “norma” fazendo com que esses conteúdos sejam suprimidos, censurados, apagados ou até mesmo fingir que não existem. Por trás de uma ideologia, há sempre outra ideologia, justamente uma que faz com que a outra deixe de estar presente ou existir, permanecendo assim a soberania de um determinado poder.

Além disso, o internato tem uma relação com o poder disciplinar e a sexualidade de forma que melhor ilustra a representação da repressão social. Neste meio os estudantes são

submetidos a viverem sob uma vigilância e regras de comportamento e socialização, fazendo com que os próprios tenham que se privar de seus desejos para não sofrer represálias. Assim, na análise de Benelli (2014), esta ação gera reação de jovens frustrados consigo mesmo e isso pode afetar diretamente sua aprendizagem e desempenho social nessas localidades e na sua vivência na sociedade.

Benelli (2014) salienta que a principal função das instituições no estrato social e histórico da sociedade disciplinar é a de normalização, adotando práticas classificatórias hierarquizantes e distribuindo lugares. Assim, o campo enunciativo atual que permite ver e falar algo (em relação às práticas) aprisiona e afasta ambos os lados (agentes institucionais, clientes e agentes institucionais). O objetivo de uma instituição disciplinar é controlar os desvios dos internos enquanto indivíduos, equacionando seus comportamentos e mantendo uma vigilância constante sobre eles (Foucault, 1999). Quase poderíamos dizer que os diversos atores institucionais “não sabem o que fazem”, afinal, é o ser social que determina sua consciência e suas ações, mas essa perspectiva enfraquece quando os mais oprimidos estão na base da pirâmide.

Compreende-se que a atuação deles é historicamente condicionada e determinada pelas condições sociais gerais de produção e reprodução da existência. Ambos, os autores se fundamentam na análise primordial de ocorrência dessa repressão social desenvolvida no livro: a instituição e seus dirigentes. Porém, é importante, pensar no contexto sócio-histórico que a obra foi desenvolvida, em uma sociedade conservadora, no império austro-húngaro que na época estava em atividade, ou seja, as consequências desses aspectos demonstram a ausência de liberdade individual como também de modos de comportamento social que sejam não reprimidos e impostos por padrões da sociedade.

Aprofundando-se sobre o meio educacional e a sociedade, Apple (2024) relata sua experiência de ter lecionado na educação básica e sua compreensão de que o ensino deve ser interpretado como um sistema de produção e reprodução. A análise sobre o que e por que as escolas são aceitas como conhecimentos e valores legítimos estaria incompleta se não compreendêssemos os papéis complexos e contraditórios do ensino, pois as escolas tratam tanto de pessoas quanto de informação. Mas o “processamento” da informação envolve não apenas a sua distribuição diferencial pelas diferentes espécies humanas, mas também a sua produção e recolha final por aqueles que estão no poder. Embora isto possa parecer terrivelmente abstrato, estava e está enraizado em algo muito mais concreto. Observa-se os professores culpando a si (ou aos seus professores) pelo fracasso dos alunos, tal como em sua

experiência.

Contudo, Apple (2024) sente cada vez mais que não era as consequências diretas de professores, diretores, coordenadores e outros especialistas em currículo. Na verdade, poucos grupos trabalham mais arduamente e em condições mais incertas, precárias e difíceis do que os professores e dirigentes escolares. Ficou mais claro para sua visão que a própria instituição e suas conexões com outras entidades sociais poderosas criaram as regras e práticas que governavam a vida dos educadores. Culpar os professores, punir os indivíduos, era tudo inútil. Pareceu a ele muito mais ético compreender como, e, principalmente, porque é que a instituição fez o que fez, que foi além da ação do indivíduo, que limitou a ação ideológica e materialmente.

Nesse sentido, o autor propõe a todos tomarem decisões muito melhores sobre currículos e atividades pedagógicas bem fundamentadas. Embora compreender o controle tenha sido apenas um pequeno passo para o desafiar, foi um passo necessário para sua formação, e se algum dia quiséssemos abandonar o controle puro e começar a compreender os muitos benefícios que o acompanham, tanto econômicos como culturais.

Dessa forma, o internato se torna ainda mais complicado e complexo nessas relações curriculares, justamente por ter uma base de ensino que difere das encontradas em outros modos de ensino. A repressão social existente nessas localidades, apesar de ter suas diferenças, segue como uma análise e comparação de como cada componente escolar tem um fator de se relacionarem com esse currículo ideológico que foca na lógica dominante política (Apple, 2024).

Em *O jovem Törless* se constata a concepção autoritária que um internato escolar oferece. A limitação de conhecimento e a difusão de estudos conservadores e restritos se representa, como já relatado, na perspectiva sócio-histórica da época, mas também traz reflexões acerca de como o sistema educacional ainda tem seus problemas de diversidade e de uma educação que busque melhorias e amplitudes no desenvolvimento de conscientização social e política dos estudantes.

A percepção de que nesse sistema fica evidente os mecanismos de uma educação que aprisiona, limita e controla as opiniões e visões dos internos. Ademais, como amarras, vive-se em uma sociedade que obtém uma ideologia conservadora, na verdade, o *modus operandi* de todo processo político que priva os direitos individuais necessita vitalmente de uma ideologia opressiva, e é claro que nesse meio não ia ficar de fora justamente por ser um local que

constrói e faz mentes para a perpetuação desse sistema.

Para ampliar a visão psicossocial, cada reflexo que atinge a sociedade também afeta sua psique e sua função motora, em decorrência de que cada ato disciplinar também é um ato de alienação. O fato da sexualidade ficar suprimida nessas instituições é um exemplo de como as relações de poder interferem no desenvolvimento intelectual e na eternidade de um poderio.

No tópico seguinte, a análise sobre a sexualidade se aprofunda fazendo relação com o livro de Musil, principalmente, na sua área reprimida de orientação sexual, porque é um dos principais fatores na repressão social que se possa constar em uma sociedade repressiva. Com reflexões, o tópico apresenta as conexões com a realidade social, como também discute o meio educacional e suas formas de poder e repressão no ensino, pois, *Törless* se passa em um internato escolar. Desse modo, seu propósito mostra o vínculo entre a sociedade dominante e o ensino que doutrina e perpetua discriminações.

3.3 A sexualidade como meio de poder na sociedade e no ensino

A Organização Mundial da Saúde — OMS (2017), define a sexualidade como a energia que nos motiva a encontrar o amor, o contato, a ternura e a intimidade integrada na forma como sentimos, nos movemos, nos tocamos, é ser sexual e ter sensualidade ao mesmo tempo. A sexualidade afeta nossos pensamentos, sentimentos, ações e comunicação e, portanto, nossa saúde física e mental.

Weeks (2000, p. 29) sobre seu conceito de sexualidade define: “[...] como uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas [...]”. Já De Camargo (2017) acrescenta que uma forma de definir a sexualidade é a busca pela satisfação plena em um desenvolvimento contínuo que inclui questões biológicas, psicológicas e sociais.

Todas essas definições são determinantes dentro de cada contexto que são utilizadas e dependem de como e por quais propósitos são usadas. No entanto, a sexualidade tem uma vastidão de fatores sociais e históricos que deve ser considerado, então estudos que a apresentam *apenas* com o viés biológico mostra somente uma das suas vertentes, e descarta a interferência coercitiva e brutal que a sociedade proporciona; entender esses fatores é um dos principais desafios que se pode ter na contemporaneidade. Contudo, a sexualidade tem também outra definição, que é como ato sexual e/ou , a liberdade sexual, que também ainda

são tabus do século XXI, apesar de existir uma maior abertura de conhecimento e difusão sobre esse assunto nas redes sociais.

Diante do contexto apresentado por França e Da Silva (2019), a luta pelo reconhecimento da comunidade LGBTQIAPN+, no final do século XX, tornou-se um imperativo dos movimentos sociais, que obrigaram os governos a promover políticas públicas a favor dos que tinham menos direitos e eram subjugados e marginalizados, a partir da mobilização de bandeiras importantes em torno da etnia, gênero, sexualidade, dentre outros. Com o advento dessa luta por reconhecimento e o sentimento de pertencimento social, os autores acrescentam que isso contribuiu para a unificação dos sujeitos das minorias sexuais em favor da cidadania, de uma identidade cultural específica, de autoafirmação através da formação de políticas importantes no legislativo e judiciário.

O Brasil não favoreceu as minorias sexuais no primeiro Plano Nacional de Direitos Humanos, corrigindo esse erro, somente a partir de 2001, em sua segunda versão, que incluiu quinze medidas de atuação a serem adotadas pelo governo federal para combater a discriminação baseada na orientação sexual, criando o Conselho Nacional de Combate à Discriminação. A partir de 2003, com a criação da Comissão Temática Permanente, começou pela primeira vez no Brasil o trabalho de recebimento de denúncias sobre violações de direitos com base na orientação sexual (França; Da Silva, 2019).

Ainda hoje, na contemporaneidade, a sexualidade sofre com uma percepção conservadora e obtém uma situação *quase* análoga com a orientação sexual, só que no caso da orientação, é mais complexa e densa por questões religiosas (não que o ato sexual não tenha), porém tem um fator mais importante, uma violência justificada, moral e ridicularizada na sociedade.

Acerca dos diferentes pontos que as transformações sociais das identidades sexuais e de gênero perpassam, Louro (2000) relata que elas criam novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, aparentemente, não as experimentam de forma simples. Elas proporcionam novas respostas para as questões e, conseqüentemente, geram novas e desafiadoras questões. O primeiro ponto seria a compreensão de que a sexualidade não é uma questão somente pessoal, mas sim social e política, o segundo, ao considerar que a sexualidade é durante toda a vida, a aprendizagem é construída de diversas maneiras por todos os indivíduos.

É intrigante observar que a autora disserta que a sexualidade envolve diversos fatores

como as representações, linguagens, símbolos, entre outros; os quais são processos culturais e de uma pluralidade profundas. Neste ponto ela rompe a categorização de colocar como “natural”, “biológica”, pois todos esses processos são definições da produção e transformação humana perante a biologia, a natureza. Consequentemente, as produzimos e transformamos, e em razão disso, se tornaram históricas, ou seja, obtêm sentido social.

No livro *O jovem Törless*, a sexualidade muitas vezes se apresenta em entrelinhas, de forma subtextual, e em algumas de forma clara e agressiva. Subtextual, quando se refere ao desejo não-heterossexual e quando se trata da orientação sexual em questão do personagem principal. Agressiva, quando os abusos com o Basini, personagem que enfrenta as violências dos demais estudantes, se tornam mais densos. Ambas as representações servem como aspectos de uma repressão social.

No trecho seguinte, consta a representação no aspecto subtextual: “Agora tudo se tornara vazio e monótono para Törless. Nesse ínterim, iniciara-se e crescera, obscuro e paulatino, o seu amadurecimento sexual [...]” (Musil, 2019, p. 14). O autor retrata através dos adjetivos “obscuro e paulatino” como se manifesta a respeito tanto no sentido corporal do amadurecimento, mas focando no “obscuro” se torna uma metáfora para o desejo não-normativo.

Mais situações que podem confirmar essa representação que foge a heteronormatividade, se encontra em um determinado momento em que Basini vai à cama de Törless e ambos sucumbe ao desejo:

Então Törless desistiu de procurar palavras. A sensualidade que se esgueirara para dentro dele paulatinamente nos momentos de desespero despertara agora com toda a intensidade. Deitava-se ao lado dele, nu, cobrindo-lhe a cabeça com um manto negro e macio. Sussurrava em seu ouvido suaves palavras de resignação e com seus dedos cálidos afastava todas as perguntas e deveres, como se fossem vãos. Sussurrava: na solidão tudo é permitido. Só no momento em que estava sendo arrastado, despertou por um segundo e agarrou-se desesperado à idéia: Isso não sou eu! Não sou eu! Amanhã, só amanhã, serei eu novamente! Amanhã... (Musil, 2019, p. 109).

A partir desse episódio, os jovens começam a se encontrar às escondidas que na narrativa não fica exatamente explícita, mas subentendida, com os pensamentos de desejo e repulsa de Törless, que é presente durante a história. Outro fragmento do livro, apenas reafirma a atração por Basini que o protagonista enfrenta:

No começo fora apenas a nudez do esbelto corpo de adolescente que o ofuscará. A

impressão foi a mesma que teria se visse as belas formas de uma jovem, ainda livres de qualquer aspecto sexual. Um assombro. Um impacto. E a pureza que involuntariamente emanava daquela sensação era o que usava a máscara do afeto — essa sensação maravilhosa, inédita, inquieta, na sua relação com Basini. Todo o resto pouco tinha a ver com ele. O resto do desejo já existira antes, ... era a sensualidade secreta, desorientada, não dirigida para ninguém em especial, a melancólica sensualidade de um adolescente que amadurece, parecendo a terra úmida, negra e fértil da primavera, e as escuras águas subterrâneas que precisam apenas de uma ocasião eventual para romper as comportas... (Musil, 2019, p. 110).

Importante ressaltar que essa “*sensualidade*” descrita por Musil, pode ser uma espécie de metáfora para a homossexualidade, em vários momentos, essa palavra aparece na narrativa com esse efeito de enxergar os desejos do protagonista. Enfatiza-se que, muitas descrições do autor podem ser vistas como estereotipadas ao associar a homossexualidade com aspectos “delicados” e “femininos”. Contudo, é bom ter em mente que é um livro de 1906, então, todas as referências podem soar datadas e até certo ponto preconceituosas pelo contexto social e histórico.

Em outro trecho do livro pontua-se também que Törless não compartilhava das atitudes ousadas e precocemente viris dos seus outros colegas, se devia em parte à sua relativa timidez em relação ao sexo, no entanto, este comportamento deveu-se principalmente às suas próprias tendências sexuais, que eram mais secretas, mais fortes e mais sombrias do que as dos seus amigos, que eram mais difíceis de manifestar. Neste sentido, Musil escreve “mais secretas” para expressar os desejos homoafetivos do personagem, como também escreve “mais sombrias” como um sentido do desejo sádico que Törless tem, um que o excita sexualmente quando ver Basini sofrendo as torturas e violências dos outros colegas.

Interpretar esses sentidos resulta em uma análise reflexiva tanto implícita como também baseada no contexto da época, se estar analisando um livro publicado em 1906, em uma época em que o Império austro-húngaro estava em atividade, e este império tinha uma política autoritária, e a sociedade um pensamento mais conservador e limitado.

Não apenas isso, o subtexto nessa época era fundamental na maioria da literatura justamente por essa sociedade e a represália que uma temática com teor homoerótico poderia causar. Um desses episódios narrados no livro que demonstra a sexualidade de forma mais explícita se refere ao trecho seguinte:

[...] — Espere, não posso contar tudo tão depressa. Você conhece o caso que aconteceu aqui no internato há quatro anos? — Que caso? — Ora, aquele! — Só por alto. Sei apenas que houve um grande escândalo por causa de umas indecências e que

por causa delas expulsaram uma porção de rapazes. — Pois é. Certa vez, durante as férias, fiquei sabendo mais sobre esse caso através de um dos garotos daquela turma. Tinham entre eles um rapazinho muito bonito, e quase todos estavam apaixonados por ele. Você conhece esse tipo de coisa, acontece todos os anos. Mas aqueles levaram a coisa longe demais. — Como? — Ora... como? Não faça perguntas idiotas! Reiting está fazendo a mesma coisa com Basini! Törless compreendeu o que acontecia entre os dois e sentiu uma convulsão na garganta, como se estivesse cheia de areia. — Eu nunca teria pensado isso de Reiting. Ele não achou nada melhor para dizer. Beineberg deu de ombros. — Ele acha que pode nos enganar. — Mas estará apaixonado? — Nem sombra disso. Tão louco assim ele não é. Apenas se diverte, ou pelo menos isso o excita sexualmente. — E Basini? — Aquele... Você não percebeu como anda insolente nos últimos tempos? Praticamente não me obedece mais. É sempre só Reiting, tudo é com Reiting, como se Reiting fosse o santo protetor dele. [...] (Musil, 2019, p. 55–56).

Acontece de alguns relatos de desejos homoeróticos e homoafetivos em internatos escolares que se dedicam a uma exclusividade de gênero, no caso, aqui a masculina; a literatura tem algumas obras que apresentam esta faceta, destacam-se além de *O jovem Törless* (1906), de Robert Musil: *Jakob von Gunten* (1909) do suíço Robert Walser, e o clássico brasileiro *O Ateneu* (1888) de Raul Pompéia.

Os relacionamentos homossexuais entre os internos do colégio podem ser entendidos como uma consequência do medo no “mundo monossexual” do internato, onde, em geral, os internos eram divididos entre “protetores”, que possuem uma masculinidade padronizada, heteronormativa e machista; e “protegidos”, que possuem um “sentimento feminino”. Assim sendo, muitas vezes, a criação dessas redes sexuais/afetivas de comportamentos protetores era causada por uma homossexualidade não-despertada e não amadurecida (Conceição, 2015).

Analisando o que se apresenta em *Törless*, remete a que Louro (2000) discute, que na nossa sociedade, o ideal, a norma construída historicamente e disseminada socialmente, e pode ser, até forçada, é professada a uma imagem heterossexual, branca, cristã e masculina.

Então, focando no ponto heteronormativo, os que são os “outros” se tornam marcados, ridicularizados, e ninguém quer ser alvo de piadas, indignação e ódio, sendo assim, a homofobia internalizada entra como um contexto dessa pressão social que a heteronormatividade faz com os indivíduos que são desviantes da norma heterossexual, porque devido a todo esse aparato de repressão os fazem se auto-odiarem e terem repulsa de si próprios, supõe-se, que Törless, possa sentir ao decorrer da história, pois a partir disso, ele começa a se autocensurar e evitar racionar sobre seus sentimentos. Sendo assim, é interessante a informação que, a homofobia é um dos principais crimes de ódio que ocasiona agressões e mortes.

Uma conceituação segundo Borrillo (2010) seria que

[...], pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo. Forma específica de sexismo, a homofobia rejeita, igualmente, todos aqueles que não se conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste na promoção constante de uma forma de sexualidade (hetero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e dessa postura, extrai consequências políticas (Borrillo, 2010, p. 34).

Em *Törless*, a homofobia internalizada pode ser interpretada sendo implícita pelo contexto social e histórico do período, no entendimento de Rodrigues (2010) essa *internalização homofóbica* pode referir-se a um mecanismo psicossocial para proteger a sua identidade, ou de alguém, marcando uma fronteira que separa simbolicamente o indivíduo de um grupo estigmatizado, como o homossexual é discriminado e ridicularizado pela sociedade, muitos indivíduos que pertencem a essas minorias se fecham e em muitas situações começam a reproduzir a homofobia mesmo compartilhando o mesmo desejo. Isso implica em como se retrata no livro estudado, apesar de ocorrer apenas um homoerotismo latente na obra, as inquietudes sexuais se tornam visíveis.

O personagem principal, presencia as violências psicológicas e físicas que ocorrem com Basini de forma muitas vezes indiferente e passiva. Basini, é um personagem que tem um aspecto mais “feminino” no internato, como visto nessa descrição: “[...] Ele era um pouco mais alto do que Törless, mas de constituição delicada, tinha gestos macios e indolentes, e rosto com traços femininos. [...] Só procurava Bozena para se fingir de macho. [...]” (Musil, 2019, p. 52).

Neste sentido, Törless tem uma “inquietude desejosa” (refere-se a um desejo *sado-homoerótico*) em torno de Basini,

[...] Não aguçou o ouvido para seguir os ruídos e não sentia o coração bater mais depressa do que o normal. Com os olhos, acompanhava a luz que se derramava a seus pés, formando uma poça. Flocos de pó refulgiram — e uma sinistra teia de aranha. O brilho entrava pelas frestas entre as traves e afogava-se numa escuridão suja e empoeirada. Törless teria ficado assim uma hora inteira, sem perceber. Não pensava em nada, embora estivesse muito ocupado interiormente. Observava-se a si mesmo. Era como se olhasse para um vazio e só de esguelha obtivesse uma indistinta noção de si. E agora, dessa imprecisão emergia, de lado, aproximando-se lentamente, cada vez mais nítido, e penetrava na sua consciência — um desejo (Musil, 2019, p. 71).

Sendo assim, dualidades se fazem presentes no que refere ao personagem. A sua confusão sexual em torno das violências que Basini sofre retrata um sentimento de sofrimento social e moral que se enraíza em uma sexualidade reprimida que dá pequenos ecos revestidos de desejo e repulsa.

A excitação com a violência demonstra essa falta de uma compreensão plena com sua individualidade e espelha aspectos de uma repressão que acontece no exterior e atinge o interior. A seguir outro fragmento que representa o desejo sádico que o personagem tem com a violência sofrida a Basini,

[...] Törless sentiu-se agradavelmente apaziguado pelos queixumes do outro. Um calafrio correu por suas costas como as patinhas de uma aranha, para cima e para baixo; depois firmou-se entre os ombros, e com finas garras puxou para trás a pele de seu crânio. Törless reconheceu com estranheza que estava sexualmente excitado. [...]
(Musil, 2019, p. 72).

A representação ao desejo sádico reflete as perspectivas da crueldade como fator de uma sociedade rígida e total, pois essas manifestações onde agressividade, violência, sexualidade e sadismo se mesclam podem ser vistas complexamente nesses locais fechados e hierárquicos (Goffman, 1987).

De acordo com Pereira (2009) a ideia de sadismo é descrita em termos médicos, a fim de caracterizar claramente uma forma irregular de comportamento sexual, nas quais o prazer erótico só pode ocorrer sob a condição da conexão entre volúpia, violência e crueldade ativas. É interessante explicar que, o sadismo é uma referência ao escritor e filósofo Sade que via na transgressão, crime e maldade uma forma de êxtase e excitação sexual perante a libertinagem como uma maneira de liberdade humana e social (Moraes, 2006).

Musil retrata na sua obra literária, por meio desse viés, duas áreas que podem se excluir se aplicadas ao mesmo indivíduo se não houver uma compreensão mais densa e psicológica, mas pelo sentido do contexto social de um governo totalitário inserido na obra acrescenta ao enredo.

Com base em Almeida (2016) aparecem no poder sádico: desprezo, ilusão, orgulho, ambição, ilusão, inveja e ódio. Assim, a ilusão de poder sádico sobre os outros é dirigida a si, pois ao afastar-se dos métodos convencionais de poder, nega a sua inferioridade oculta. Logo, pode-se relacionar que o sádico pode apresentar uma relação de poder e tirania que coloca o indivíduo como causador da opressão, isso pode ser vista uma retratação do império e uma

crítica ao sistema repressivo.

Nota-se que, o homoerótico representa a sexualidade reprimida, ou seja, o indivíduo em submissão ao sistema. No trecho acima, apresenta Törless sendo essas duas perspectivas divergentes, isso tem sentido, porque Törless não é o “*bonzinho*”, o herói da narrativa, ele se contradiz, ao mesmo tempo que questiona as regras, participa da repressão de maneira indiferente, omissa e em alguns momentos até diretas. É claro, os outros dois personagens que praticam as violências direta e frequentemente não têm a mesma complexidade que Törless por um fator principal: não são protagonistas, então ambos desempenham uma representação mais direta de opressores.

Com o pensamento de Weeks (2000) coloca em evidência que a sexualidade é modelada na intersecção de dois temas principais: a nossa subjetividade e a sociedade, e tudo que dela faz parte, como o sistema de saúde e o crescimento populacional. Estes dois estão intimamente relacionados porque ambos centram-se no corpo e no seu potencial.

Quando a sociedade se tornou cada vez mais preocupada com a vida dos seus membros, com a unidade moral e a prosperidade econômica, dentre outros, passaram a se preocupar cada vez mais com a disciplina da vida física e sexual dos indivíduos, resultando-se ao florescimento de problemas morais, jurídicos e intervenções destinadas ao bem-estar ou ao controle científico, todas concebidas para promover a autocompreensão por meio da regulação do comportamento sexual. Sendo assim, a sociedade controla os corpos dos indivíduos oprimindo modos de expressão e comportamento diferentes (Weeks, 2000).

No livro de Musil se observa ao longo das páginas uma certa autocensura de Törless em razão do seu questionamento sexual. Como vivemos em uma sociedade que tenta a todo instante moldar corpos e pensamentos, chega a ser uma necessidade limitar suas formas de expressão.

Agora relaciona-se a sexualidade com o meio educacional. Essa relação da sexualidade na educação abordada neste, se deve ao fato de *Törless* ser ambientado em um internato *escolar*, as funções sociais da educação é um fator determinante para o entendimento da realidade social, justamente por ser uma necessidade fundamental da vida humana na sociedade.

Para Galli (2015) a educação, é uma consequência da vida social, é um produto da socialização humana. Sem ela, não dá para entender de maneira uniforme e coesa essa realidade que nos rodeia. Ainda mais, que a teoria foucaultiana explica que a educação é uma

forma de exercer o poder sobre os indivíduos, moldando suas subjetividades e disciplinando seus corpos. A própria não é apenas um processo de transmissão de conhecimentos, mas também de normalização e controle social.

Com base no teórico, pode-se analisar as instituições disciplinares como espaços de vigilância, exame e punição, onde se produzem saberes e verdades que legitimam as relações de dominação, e como a sexualidade é abordada nesse meio é moldada por relações de poder. A análise foucaultiana nos instiga a questionar essas formas de controle e vigilância.

Essas práticas pretendem promover uma educação que não respeite a diversidade e a autonomia dos sujeitos. E é nessas localidades, que um campo de resistência e de luta pela liberdade se pode fazer presente, onde os indivíduos podem questionar e transformar as práticas pedagógicas que os submetem a essas doutrinas (Galli, 2015).

Nas considerações de Britzman (2000) sobre a sexualidade e o meio educacional, pontua-se uma insuficiência do conhecimento que o campo da educação ignora, sendo um argumento bastante difícil, pois se o conhecimento é insuficiente, por que deveríamos, então, até mesmo nos preocupar em ensinar? Se o conhecimento tem uma inadequação, se ele tem uma função de mascarar alguns assuntos, temos uma capacidade para a ignorância e se temos um ilusionismo dele para poder perambular pelo mundo, existe uma abordagem do conhecimento que possa nos permitir tolerar suas incertezas e mudanças? Além dos efeitos sociais de exclusão e normalização em termos de uma educação sexual que tem como norma a sexualidade branca, de classe média e heterossexual, temos uma relação complicada de entender como a abordagem da sexualidade deve ser debatida na educação.

De Assis César (2009) comenta que a discussão da sexualidade em ambientes escolares, não iniciou somente nos anos 90. No continente europeu e em suas colônias ao redor do mundo, a ascensão da sexualidade nas escolas remonta ao século XIX. Naquela época, a vida escolar regular estabelecia um conjunto de regras para o corpo de adolescentes e crianças.

Além de que, Foucault (1984) descreveu as escolas europeias do século XVIII como reais maquinarias em constante alerta.

O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios [...], os regulamentos elaborados para a vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças (Foucault, 1984, p. 30).

O teórico observa a sexualidade como discurso de poder, e como se tinha uma visão limitada que o ensino proporcionava naquela época, e é claro, era de uma forma controlada e restritiva que mirava a doutrinação conservadora. Desse modo, na obra de Foucault (2005) o conceito de sexo tem suas implicações próprias.

Na sua análise, tais ideias eram geradas por meio da sexualidade, antes associada apenas ao corpo, à genitália e à filiação, depois, o sexo passou então a ser objeto de verdade e falsidade, temido como benéfico ou perigoso, valioso. Neste sentido, a observação está mais ligada ao ato sexual, revelando a importância de considerar que não é somente isso que pode estar ligado a esse objeto de falsidade, mas o âmbito social da sexualidade também, colocando em foco a diversidade sexual dos indivíduos.

Além de que, ao explorar a conexão entre o modo social e a sexualidade em instituições disciplinares, analisa-se como o poder tem uma função de controle que se interliga nesse contexto, influenciando as práticas disciplinares e a formação dos internos. Examinando-se minuciosamente as implicações dessa conexão na esfera social, a sexualidade é frequentemente abordada de maneira repressiva ou negligenciada. Com a reflexão dessa abordagem nos instiga a questionar a dinâmica que revela as relações de poder e os discursos dessas práticas.

Louro (2000, p. 12) destaca que: “[...] a escola, por seu lado, pretendia desviar nosso interesse para outros assuntos, adiando, a todo preço, a atenção à sexualidade”. Deste modo, a instituição escolar perpetua e propaga a cis-heteronormatividade e a reproduzir apenas os interesses da sociedade dominante. Um local que deveria fazer indivíduos pensantes e questionadores passa a conceber o alicerce de uma espécie de colonização daqueles que querem que a sociedade seja sempre uma padronização de ideal considerado “certo” e “verdadeiro”, a verdade é que somos fantoches desses mecanismos de poder no processo educacional.

A autora ainda em seu estudo faz uma reflexão sobre a hierarquia que existem para manter intacto valores conservadores, religiosos e cis-heteronormativos que estão presentes em todas as nossas instituições como escola, família, trabalho. Essa hierarquia intensifica a marginalização e subjugação de minorias sexuais, e perpetua a discriminação, como a homofobia.

Para entender melhor novamente essa questão de homofobia, mas no âmbito da educação, por exemplo, no Brasil, isso não mudou muito com o passar dos anos, ainda existe

uma homofobia persistente no país, segundo Santos e Cerqueira-Santos (2020) seus estudos confirmaram que a homofobia é um fenômeno comum nas instituições de ensino e que a continuação da violência que promove se deve ao fato de termos uma imagem negativa das pessoas não heterossexuais, o tão chamado estigma, as imagens estereotipadas relacionadas a homossexuais continuam no imaginário das pessoas e continuam sendo um fator de ódio e zombaria.

Dada a oportunidade de mudança destas representações, é importante refletir e ampliar o conhecimento sobre o que contribui para a persistência deste problema nas suas dimensões individuais e institucionais. Isso remete a como se lida com minorias sexuais neste país, apesar dos avanços, os ataques e o estigma continuam tendo uma força na contemporaneidade. Por isso, a sexualidade reprimida é uma das alternativas que indivíduos encontram para não sofrerem, e isso acontece em todo o mundo. No livro de Musil, essa sexualidade é um reflexo deste contexto que se encontra na realidade social. É claro, que houveram mudanças e avanços nos direitos para as minorias sexuais⁴ tanto no mundo quanto no Brasil (*como já apresentado neste tópico sobre o país*), mas ainda são falhos e precisam de melhorias.

Em outro aspecto para relacionar com a obra literária, Sedgwick (2015) faz uma intrigante relação entre literatura, sexualidade e homosocialidade, esse último segundo Maffesoli (2012) tem como sentido o interior das sociedades higienizadas, excessivamente racionalizadoras e dedicadas a banir qualquer ameaça, e é nessas sociedades que a barbárie retorna.

Sedgwick (2015) constata em diversas obras literárias clássicas essa relação, seus estudos fornecem um material que visibiliza aspectos e subtextos que foram apagados e ignorados pelo contexto sócio-histórico da época que foram publicados, e pode-se relacionar com o livro aqui estudado.

Sua visão aponta que as ligações homosociais entre homens são permitidas, por isso seu “companheirismo” é construído e apoiado na comunidade masculina, porém a partir do momento em que essas relações “homosociais” se tornam *realmente* homossexuais, as ligações estabelecidas se rompem e esses indivíduos se tornam marginalizados e

⁴ Um dos direitos pioneiros e mais importantes, como, Terto e Souza (2015) constata, *Stonewall*, referindo-se ao bar “*Stonewall Inn*” em Nova York, EUA, é conhecido como um marco na luta pelos direitos LGBTQIAPN+, onde em 28 de junho de 1969, foi palco de uma forte reação da própria comunidade que enfrentou a intervenção policial de rotina no terreno, numa altura em que existir não era socialmente possível. Em razão disso, o dia é comemorado internacionalmente como o Dia do Orgulho, entre outros avanços sociais como casamentos homoafetivos que foram conquistados por muita luta e ainda tem suas fragilidades.

discriminados, isso se apoia no ideal patriarcal de verem homens heterossexuais com comportamentos homosociais como algo positivo para a construção de masculinidade “correta”, pois as mulheres nesse meio serve apenas como moedas de troca, enquanto os homens heterossexuais são vistos como parceiros de cumplicidade e apoio (Sedgwick, 2015).

Neste sentido, o sujeito homossexual não pode estar nessa ligação, por ser visto como uma afronta a essa perspectiva de masculinidade ideal. Na literatura, observam-se vários textos interpretativos limitados que fazem de aspectos homoeróticos/homossexuais, apenas homosociais. Diminuindo, apagando e censurando as vertentes claras de desejo e opressão que o autor quis expressar como meio de uma sexualidade reprimida e/ou uma crítica a sociedade da época por meio da escrita.

Sedgwick (2007) tem outro estudo que expressa a sexualidade reprimida e a literatura, com o conceito de “armário” que cristaliza a representação da vida social na narrativa literária, pois, muitos escritores viviam nessa situação de sexualidade reprimida, devido, às suas épocas, como, por exemplo, o autor francês clássico, Marcel Proust.

Essa realidade social que atinge as páginas dos livros, torna evidente a relação intrínseca que pode existir entre realidade e ficção, muitos desses escritores escreveram implicitamente sobre seus desejos, mas também outros podem terem escritos apenas como uma representação da repressão social que havia em seu meio social. Isso, infelizmente, às vezes, não saberemos claramente (Sedgwick, 2007). Dessa forma, a autora acrescenta que

[...] Acredito que todo um conjunto das posições mais cruciais para a contestação do significado na cultura ocidental do século XX está conseqüente e indelevelmente marcado pela especificidade histórica da definição homosocial/homossexual, particularmente, mas não exclusivamente, masculina, desde mais ou menos a virada do século.

Entre essas posições figuram, como já indiquei, os pares segredo/revelação e privado/público. Ao lado desses pares epistemologicamente carregados, e às vezes através deles, condensados nas figuras do “armário” e do “assumir-se”, essa crise específica de definição marcou por sua vez outros pares tão básicos para a organização cultural moderna, como masculino/ feminino, maioria/minoria, inocência/iniciação, natural/artificial, novo/velho, crescimento/decadência, urbano/provinciano, saúde/doença, mesmo/diferente, cognição/paranóia, arte/kitsch, sinceridade/ sentimentalidade e voluntariedade/dependência. Tão espalhada tem sido a mancha dispersa da crise do homo/heterossexual que discutir quaisquer desses índices em qualquer contexto, sem uma análise anti-homofóbica, acabaria, talvez, por perpetuar compulsões implícitas em cada um deles sem o saber (Sedgwick, 2007, p. 28–29).

Sendo assim, a sociedade insere sempre alguns “*binarismos*” para identificar maneiras

de organizações sociais que acarretam desigualdades e condições opostas ao padrão. A percepção que se faz é de que as situações sociais não são tão simples como um conceito binário, por isso, analisar um livro ficcional e sua representação da realidade social se torna um fator complexo, ao oferecerem diversas formas de desenvolver e se relacionar com o meio social.

Ressalta-se que, no entanto, um livro publicado na Europa em 1906, como *O jovem Törless*, com outra realidade sócio-histórica, tem uma certa limitação no âmbito da contemporaneidade, mas analisá-lo é importante por carregar uma realidade social e um importante marco de uma representação homoerótica para a época como também para os dias atuais.

Utilizando-se da Sociologia das Emoções, em consonância com a Sociologia da Literatura, no tópico seguinte, aborda-se o medo na realidade social e a sua representação na narrativa do livro, demonstrando os aspectos sociais que constam na obra literária. Ademais, esse medo se une tanto a opressão social e a repressão sexual na sociedade e no ensino, além da influência religiosa que o permeia, pois a presença dessa emoção é constante no dia a dia e na vida social, ao ter o objetivo de coagir e controlar as pessoas.

3.4 O medo como ação e reação da repressão social

A análise que será percorrida da categoria medo, por meio da representação na narrativa de *O jovem Törless*, é construída a partir da Socioantropologia das emoções, que teve seu resultado em um processo iniciado nos Estados Unidos nos anos 1970, e que, no Brasil, o seu surgimento e a luta para o reconhecimento e a consolidação ocorreram quase duas décadas depois, nos anos 90, essas subáreas estudam a relação entre sociedade e emoções e como estão intrínsecas no cotidiano social (Koury, 2014).

No livro, o medo aparece na narrativa por fatores distintos, por exemplo, neste fragmento: “[...] Tratava-se mesmo de uma continuação direta desse afastamento, pois, como este, significava medo de emoções demasiadamente sutis, medo que o distinguia dos outros colegas, saudáveis, fortes e nada complicados” (Musil, 2019, p. 14). Em uma análise desse trecho, o medo aqui se refere a insegurança que ele sente perante a seus colegas por ser mais contido e “diferente”. Já em outro fragmento, em decorrência do abuso psicológico que o protagonista fazia com ele, o personagem Basini em uma conversa com Törless coloca-se:

“[...] Você tem um jeito tão estranho de me atormentar... Ódio, medo e súplica lutavam nos olhos de Basini. [...]” (Musil, 2019, p. 100).

Então o medo, na obra, se apresenta tanto como um fator emotivo essencial de compreender as angústias do protagonista, como também nas situações de abusos que os personagens passam no internato.

Além de tudo, o medo está presente no cotidiano de forma que se naturaliza. Em uma cidade, por exemplo, ter medo de ser assaltado é recorrente, ou até em situações piores, como sofrer uma violência física e sexual, é uma constância na vida de muitos cidadãos. Estar sempre alerta é um sintoma de precaução contra supostos perigos que se podem encontrar. Uma emoção que permeia a vida humana e toda sua complexidade tem uma importância grande para se conseguir controlar e reprimir outros humanos.

Em meios internos, se tem mais uma vigilância e obrigação moral como em um governo ditatorial, que exige e manipula sua liberdade individual e obriga a seguir suas leis e regras. Assim partindo de uma interconexão entre o internato escolar apresentado no livro *Törless* e a realidade de um Estado, reflete-se que enquanto a existência e validade dos seus comandos, em um determinado território geográfico, são permanentemente garantidas pela ameaça e aplicação de coerção física por parte do pessoal administrativo. Trata-se o internato como uma empresa e um Estado que tem o caráter de uma instituição política quando e enquanto o seu pessoal administrativo declara com sucesso um monopólio legal pela força para executar ordens existentes (Weber, 1991).

Segundo Furedi (2013) apesar de o medo ser, na maioria das vezes, analisado em associação a outro tema, na maioria não é considerado um problema sociológico isolado. Além de Hankiss (2001) sustentar que o papel do medo é “muito negligenciado nas ciências sociais”. E acrescenta que ele é como um objeto “de uma atenção séria por parte da filosofia, da teologia e da psiquiatria, uma atenção menor por parte da antropologia e da psicologia social, e muito escassa por parte da sociologia” (Hankiss, 2001).

Em decorrência desse “neglicenciamento” não só das ciências sociais, mas também da sociedade civil sobre o medo e sua relação com as facetas de diversidade sexual, faz-se um apontamento da fragilidade de como se lida com essas questões e só ganham destaque em crises e situações que se tornam evidentes, em uma sociedade que se acostumou com as tragédias, essa atenção dificilmente dura mais que uma semana, depois de todo um espetáculo midiático e alarmante nas redes sociais (Furedi, 2013).

A contribuição mais relevante para a sociologia do medo pode estar na obra de Norbert Elias. A explicação fornecida para o processo civilizador considera o medo como uma das principais maneiras pelas quais a estrutura da sociedade é transmitida às funções psicológicas individuais. O argumento apresentado por Elias, de que o caráter civilizado é construído em parte por meio da assimilação de medos, apresenta perspectivas relevantes para a história dessa questão (Elias, 1982).

Furedi (2013) relata que, infelizmente, essas visões acerca da sociologia histórica do medo não foram aplicadas à experiência atual, e que, essa emoção é frequentemente utilizada como um conceito adquirido e que não requer grande explicação. Sendo assim, para se obter uma conceitualização sociológica do medo, é necessário investigar mais a fundo como essa emoção é mediada pelo guião cultural e pelo sistema de significações dominantes. Precisa-se concentrar não apenas na emoção do medo e nas ameaças que ele pode responder, mas também na crise de causalidade que molda o indivíduo temeroso. A cultura do medo neste século XXI tem um fundamento, uma série de características bem definidas que convergem para a sua normalização enquanto força dotada de uma existência própria. Nessas circunstâncias, o medo é usado como dispositivo de controle social com a autoridade para lidar com o mundo e dar-lhe significado (Furedi, 2013).

O medo, na visão de Koury (2002), não pode ser visto apenas como uma ameaça, mas, sobretudo, como uma possibilidade de uma nova articulação reativa. Assim sendo, é considerado um dos elementos fundamentais da construção social, sendo esse conceito de estruturação social por meio do medo é compreendido como uma relação dialética entre a ordem e a desordem, tendo no dia a dia da ação, reação e interação social, um papel fundamental como organizador de relações sociais e criador social.

Ora, o medo não só provoca a paralisia diante de outro agressor, como também parece provocar atitudes que visam a transgressão, a simulação e a recriação de formas de sociabilidade, é o que se consta em *O jovem Törless*, o personagem Basini, paralisa e apenas se torna indiferente diante de seus agressores, pois não consegue e tampouco visa reagir das torturas que sofre por grande parte da narrativa, apesar que somente quase no final do livro o personagem sente um medo mais voraz, devido, a violência ter se tornado mais intensa e suplica a Törless para ajudá-lo (Koury, 2002).

Ainda que, o sistema ofereça serviços que busquem combater a crescente violência, o medo se torna um fator banal que com diversas facetas estar na vida humana, em diferentes graus, como, por exemplo, o medo em um sistema ditatorial é completamente diferente de um

que os indivíduos sentem pelos serviços mal-feitos do Estado. Então, entender essas diferenças e procurar semelhanças entre elas é uma maneira de compreender o medo por um modo que saiba como sua função age.

Na análise de Margarita Rosa Gaviria (2008), a estratégia para o controle social da violência é examinar o sentimento de medo das pessoas, o sentimento reforçado pelo conhecimento, divulgado na mídia, do sofrimento associado às vítimas de homicídio e pelas informações reforçadas sobre a frequência da violência nos locais públicos. Assim sendo, percebe-se como o medo é um recurso estratégico de controle bastante eficiente se levado à forma da violência e da intimidação. Ademais, pode-se relacionar com a pressão sobre esses internos o colocam em situações de violências psicológicas e até fisiológicas.

Dando continuidade pelo viés de entender o medo na sexualidade, ele adquire um papel ativo na formação do comportamento humano, como, por exemplo, ele é um dos principais responsáveis por pessoas não heterossexuais permanecerem no “armário”, se escondendo de seu modo de ser, devido, à reação da sociedade. Como consta no seguinte relato que uma pesquisa de Silva (2012) obtém:

O medo de ficar sozinho no meio da adolescência é terrível, o medo de abandonarem-nos é mortífero. É o peso dos amigos e da família que está em causa e é a presumível perda destes que nos faz mentir e ocultar a verdade acerca de nós. Mostramos tudo o que os outros gostam de ver, mas não mostramos quem realmente somos ou queremos ser. Temos que manter aparências para ficar ou aderir a um grupo de amigos, temos que abdicar dos sonhos, das ilusões e acabamos sempre por cair na mais terrível das sensações que é estar só no meio de tanta gente que até pensam (sic) saber tudo de nós... (Silva, 2012, p. 6)

Isto não é um ponto só contemporâneo, a diversidade sexual foi repreendida há décadas e isso de se esconderem e até “adquirirem” papéis sociais tradicionais eram bastante comuns em tempos onde a norma social era mais conservadora e antiquada (Sedgwick, 2007).

Observa-se que os crimes e as discriminações são frequentes, apesar de haver uma “proteção” do Estado, que, em suma, é mais teórica que prática. Se em ambientes externos, o medo é frequente para aqueles que pertencem às minorias sociais e se sentem mais temerosos e acuados; reflitam em instituições disciplinares, mas principalmente em internatos onde a repressão é o fator de conduta e comportamento. Neste sentido, na narrativa de *O jovem Törless*, o medo aparece por diversas razões, outro deles recorre no contexto da sexualidade reprimida do personagem, que no trecho, exemplifica o relatado:

[...] Talvez Törless apreciase a companhia deles devido à sua insegurança, muito grande desde que se afastara do príncipe. Tratava-se mesmo de uma continuação direta desse afastamento, pois, como este, significava medo de emoções

demasiadamente sutis, medo que o distinguia dos outros colegas, saudáveis, fortes e nada complicados (Musil, 2019, p. 14).

Pode-se interpretar esse trecho por meio de uma análise de uma repressão social, referente a uma percepção individual de não normatividade sexual exigida, em decorrência de um entendimento de não se encaixar nos parâmetros da norma de outros garotos, ou seja, “não sou igual a eles”.

Além disso, o internato pode ser visualizado como uma representação da sociedade totalitária e dominante que em razão de contextos conservadores e morais; fazem a dominação individual de determinadas pessoas e grupos sociais.

Benelli (2014), por outro lado, acrescenta uma dimensão do medo sobre o castigo que se pode conectar com uma instituição total:

[...] O medo do castigo é adequado para impedir que o indivíduo realize ou deixe de realizar determinados atos. Mas reforços positivos tais como prêmios parecem necessários para que se obtenha um esforço prolongado, contínuo e pessoal. A noção de que os indivíduos respondem aos castigos ou prêmios como meios para produzir a resposta esperada exige suposições diferentes relativas ao que seja a natureza humana. Portanto, a organização total não se limita a utilizar a atividade de seus participantes, mas ela também delinea os padrões oficiais adequados de bem-estar, valores conjuntos, incentivos e castigos. A própria ação da equipe dirigente ou da administração exprime a concepção que ela tem dos indivíduos sobre os quais atua. Boa parte dos conflitos entre os dois grupos antagônicos diz respeito à concepção da natureza, ao papel imposto aos internados e às diferentes reações deles ao caráter presumido pelos dirigentes (Benelli, 2014, p. 52).

Sendo assim, presume-se como o castigo era e continua sendo um ato disciplinar comum, principalmente se visitarmos o passado da educação com a normalização da palmatória e do “castigo no canto da sala” que eram atos de controle de baderna e moral até em escolas de ensino público.

Ainda mais, se formos entender como o papel dessas autoridades no internato é um reflexo preciso de poder totalitário, que, em si, é limitado, mas representa o poder total de domínio de uma classe social e padronizada, pode-se relacionar com a perspectiva da sexualidade nesse contexto. Em razão da percepção que esses indivíduos têm sobre alunos desviados do meio normativo. A atenção e a repressão vão ser mais presentes nesses internos quando estão mais aptos a sofrerem uma exigência moral e coercitiva comportamental maior.

Dessa forma, Bauman aponta que:

Os detentores do poder não têm o que temer e assim não sentem necessidade das custosas e complicadas “fábricas de obediência” ao estilo panóptico. Em meio à incerteza e à insegurança, a disciplina anda e se reproduz por conta própria e não

precisa de capataz para supervisionar seu abastecimento constantemente atualizado (Bauman, 2003, p. 42).

Isso reflete a normalização de comportamentos que causam medo, quando o sociólogo ressalta esse “estilo panóptico” se refere ao poder concentrado e denso para se obter uma eficácia bem sucedida e sem falhas, pois não se é mais necessário ter as tais “fábricas de obediência”, pois as consequências e desigualdades sociais já tornam a sua reprodução eficientemente sem precisar totalmente desses mecanismos.

Agora adentra-se em uma relação do medo com a religião, pois ter essa reflexão acerca do medo neste âmbito, ressalta como ela pode ser utilizada como um agente amedrontador essencial na construção do medo na sociedade, e, conseqüentemente na disciplina que os internatos oferecem, justamente por ter um encargo dominante e hierárquicos nesses locais.

Benelli (2014) explica que as instituições religiosas reconhecem claramente o valor e as consequências das condições psicossociais e fisiológicas que prejudicam a pessoa, com seus propósitos espirituais. Os internados nessas instituições podem, por si, complementar as mortificações impostas pela equipe dirigente com restrições auto impostas (jejuns, várias penitências), pancadas com autoflagelação e a inquisição institucional com a confissão procurada e espontânea. E é neste caminho espiritual que serve como “justificativa purificante” contra o mal, como aponta Beineberg em seu discurso na narrativa de *Törless*. Refletir sobre essas questões, logo, é fundamental para ver o alicerce de toda a repressão social que existe nessas instituições, e como em uma disciplinar e escolar, isso pode se tornar mais frequente por se ter um regulamento interno doutrinador com ideais religiosos.

Continuando nesse sentido religioso, o controle social utilizado pela religião é um dos pontos que a faz tão forte na sociedade, como relata Carvalho *et al.* (2020), a relação entre religião e controle social surge através da inserção da pessoa na sociedade e da exigência de que ela se adeque ao máximo ao grupo ao qual pertence, e em muitos casos, negando e abstendo da sua liberdade individual e suas características para assim ser bem recebido na instituição.

Contudo, na lógica de que cada ser humano é único, tendo seus próprios desejos e sentimentos, fica complicado quando ele escolhe ou é alienado a pertencer a este determinado grupo social. Assim, tornou-se imprescindível a aplicação das normas para uniformizar o comportamento dos indivíduos em relação aos assuntos coletivos ao ter em vista pertencer à sua liberdade e características pessoais diferentes, dessa forma, portanto, que surgiu o controle social para regularizar a sociedade, incluindo o controle religioso (Silva *et al.* 2021).

Finalizadas as questões religiosas com o medo, volta-se ao livro e sua conexão com o medo. Em *Törless* se constata esses aspectos do medo de duas maneiras, às vezes, explícita, outra latente. Esse medo que não se é visível, em muitas situações nos remete ao medo imaginário, ao permitir aos dirigentes a implementar medidas cada vez mais autoritárias, leis cada vez mais punitivas, baseadas em reivindicações sociais de proteção real e imaginária, principalmente de determinados setores da sociedade, especialmente da classe média.

No livro, Basini é o personagem que mais sofre com a violência física e psicológica dos outros nesse sentido do medo como fator primordial de sua essência. Os autores ainda dissertam sobre indivíduos que estão fora do padrão normativo na qual a sociedade vê como violentos e que causam medo, no caso, que,

Esse imaginário do medo, bem como sua concretização, tem suas raízes paradoxalmente fincadas, por um lado, numa crença infinita na razão, que pretende explicar o medo por meio do conhecimento científico e eliminar simultânea e gradativamente formas simbólicas de tratá-lo; por outro, num excessivo individualismo próprio do liberalismo moderno (*selfmade man*), que vem promovendo, cada vez mais, o distanciamento entre os indivíduos. Ambas as atitudes – racionalizadora e individualista – têm como fundamentos justificadores e legitimadores uma visão etnocêntrica predominante, cujas consequências concretas são a marginalização e a exclusão do diferente, do Outro (Teixeira; Porto, 1998).

Assim, o Outro se torna o medo e tudo que se relaciona com ele deve ser evitado e odiado. Compreender isso nos faz pensar em como discursos violentos são produzidos e disseminados fazendo que se perpetuem estigmas. Desse modo, todos os que não se enquadram nos padrões de normalidade vigentes são suspeitos; assim, sofrem as consequências do estigma e da exclusão.

Lembra-se que foram criadas instituições para controlar, domesticar e reeducar o diferente: escolas de todos os tipos, reformatórios, prisões, asilos, manicômios, medidas que não fazem mais que alimentar o medo. Ainda há as causas naturais (bio/psicológicas) das situações sociais e culturais que geram insegurança, aumentando a angústia existencial e a necessidade de exorcizar o medo pela imaginação. Logo, pode-se avaliar o papel que o imaginário do medo tem nas sociedades modernas (Teixeira; Porto, 1998).

Neste sentido, se pode analisar na obra *O jovem Törless*, que grande parte daqueles garotos no internato escolar estão matriculados devido a comportamentos rebeldes, ditos “anormais”, e que, pode ser visto como o *Outro*, pois o internato serve também para isso: controlar, ajustar e moldar indivíduos. Ao acontecer alguma infração no ambiente interno, os

culpando, sofrem represálias. É um mecanismo de combater o medo social por parte dos que o provocam contra outrem de forma mais bem sucedida e fácil de justificar perante a sociedade.

Por conseguinte, a análise do modo metafórico e contextual no livro, torna Basini a representação de como as violências afligem os indivíduos na sociedade, principalmente, de como o medo se manifesta em decorrência dessas agressões. Portanto, com a visão de que a realidade social da época em que o autor Robert Musil vivia se presenciava um sistema autoritário. Os demais personagens também tem esse fator representativo, porém numa escala maior, os outros, que provocam as violências diretamente estão acima de Basini, mas abaixo dos dirigentes do internato, enquanto Basini é o alvo que sofre violência de ambos os lados.

A seguir, em “Resultados e Discussões”, são apresentadas as reflexões, discussões e críticas construídas a partir da Sociologia da Literatura, acerca da repressão social e medo, encontrada na narrativa de “*O jovem Törless*”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise realizada permitiu constatar que a repressão social se manifesta de várias maneiras, abordando não só a sexualidade reprimida, como também a violência e o medo presentes nas relações entre os personagens. Esse contexto de repressão é acentuado pela atmosfera do internato escolar, que funciona como uma representação em menor escala das interações sociais externas.

No percurso de releitura do livro *O jovem Törless*, depois de mais de um ano que houve a primeira leitura. Aconteceu nesta segunda, o foco em partes e situações na narrativa que explicitasse e/ou sugerisse as temáticas que deveriam ser abordadas neste trabalho. Na primeira leitura, já haviam ocorrido marcações, mas foram somente trechos que chamaram a atenção. Na releitura para a pesquisa, os trechos com marcadores de páginas foram direcionados por certos fatores, como, por exemplo, cada marcador de cor diferente significava uma temática que seria analisada sobre o internato escolar, a sexualidade, o medo e a religião; isso conforme fazia grifos e anotações de algumas observações nas próprias páginas.

Além disso, foi feito um quadro intitulado “*Os aspectos mais frequentes que representam a repressão social no livro O jovem Törless*”, que se dividia em tópicos: sexualidade *subtextual e/ou reprimida*; *emoções de medo e tristeza*; e *Religião*. Em cada uma dessas categorias, se inseriram os trechos que designavam cada um desses aspectos. Ademais, a catalogação/classificação das citações não seguiu uma sequência numérica, mas sim, as que

melhor se encaixavam no processo de construção e contexto das referências construídas. Portanto, todo esse processo usado no livro teve uma visão crítica, sociológica e psicossocial de análise para melhor fundamentar este trabalho.

Os dados construídos apontam que a sexualidade, nesta situação, é reprimida, desempenha uma atuação ativa na repressão social que a sociedade proporciona, em consonância com as teorias foucaultianas (2005) sobre o controle social e a padronização dos comportamentos, que argumenta que a sexualidade representa um campo de poder que, ao ser reprimido, gera um ciclo de medo e conformidade.

Essa visão é acrescentada pela goffmaniana (1988), que investiga a estigmatização e o modo como se controla a identidade em contextos sociais, esses aspectos estão presentes nos personagens e na narrativa da obra literária, principalmente, em decorrência de que é um internato escolar, então os estudantes estão simultaneamente vigiados e doutrinados com o ensino praticado na localidade.

Em uma matéria *online* no site da *DW* (*empresa alemã de comunicação internacional*), Cizmecioglu (2018) relata sobre *O jovem Törless*, que é um erro dizer que este é um livro de desdém sobre a vida em um internato escolar, e que o romance de estreia de Robert Musil é sobre poder e abuso, sobre cadetes como torturadores sádicos, além de ter sido uma profecia literária da ascensão do nazifascismo. Ainda pontua que, o próprio Musil passou muitos anos estudando em um desses internatos militares, o que fluiu em seus escritos.

Em seu livro, Musil, por meio de abusos físicos, sexuais, psicológicos e medo, revela do que os humanos são capazes quando têm oportunidade e poder, e que a crueldade pura e a degradação humana são o que impulsiona a narrativa. O livro pode ser uma análise fundamentada do que acontece no contexto de regimes ditatoriais e totalitários, mas que também se expande em entender como funciona as facetas da repressão social por outros vieses como uma sociedade democrática, mas que tem um governo conservador e com ideais anti-progressistas.

Em retrospecto, Cizmecioglu (2018) ainda acrescenta que Musil sugere interpretar *O jovem Törless*, como uma alegoria literária do Terceiro Reich. E que, aliás, ele teria refletido que os personagens de Beineberg e Reiting, autocratas de classe, antecipou certas características dos ditadores Mussolini e Hitler, e que o personagem principal Törless é mais como um típico partidário, sendo assim, o próprio internato pode ser visto como uma coleção de todas as habilidades humanas, e como um presságio sombrio de desastre iminente.

Além dessa matéria da *DW*, a antecipação que propõe *O jovem Törless* (1906), tem também outra no site do Estadão que pontua a obra como um retrato das sombras que carregamos no século XXI, neste sentido, há histórias que antecipam o futuro, e um dos casos mais surpreendentes é o romance de estreia de Musil, obra que apresenta Törless como uma cápsula mágica que nos permite atravessar o tempo e antecipar não somente nossos sonhos, mas também nossos pesadelos (Castello, 2019). O jornalista dessa matéria ainda evidencia que:

Antecipa Musil a mistura repulsiva entre a atração amorosa e o ódio que, infelizmente, caracteriza nossos dias. Hoje — quando amar se tornou quase sinônimo de odiar —, ler Törless nos coloca diante das raízes do incômodo presente, que estão não apenas fincadas na história, mas no mundo interior de cada um. Aos poucos, o rapaz se defronta, ainda, com a insuficiência das palavras, que o leva a uma radical solidão (Castello, 2019, *online*).

Neste sentido, é inegável a importância da obra para compreender a realidade social, tanto no sentido da época como na contemporaneidade, pois suas temáticas universais e atemporais são um reflexo da vida humana e toda sua complexidade.

Na “*Apresentação*” do livro, Xerxenesky (2019) considera que as conotações sádicas e violentas fetichizadas estranhamente na narrativa colocam a obra literária como ousada até para os aspectos atuais. Ainda na edição brasileira do livro, é interessante saber em “*Sobre o autor*”, que declara, com a ascensão nazista, as obras de Musil foram censuradas e proibidas na Áustria e na Alemanha, e ele se mudou para a Suíça, onde faleceria ao lado da sua esposa. Pois seria impossível em sistemas totalitários suas obras, principalmente *Törless* continuassem a disposição, por seu fator crítico e denunciatório desses regimes.

Além de que, destaca-se que o livro *Törless* seja uma obra com questões autobiográficas na sua constituição, devido às semelhanças com a história real do autor que frequentou um internato escolar militar (Gurski; Perrone, 2021), isto apenas comprova novamente como a ficção tem muito mais da realidade do que se pode analisar. Portanto, com esses pontos, pode-se relacionar o que Candido (2006) destaca, que a literatura é como um espaço de resistência e crítica em relação à sociedade.

O livro *Törless*, não retrata somente a repressão desses estudantes por uma perspectiva que ultrapassa a ficção e mostra a realidade social, porém também provoca reflexões sobre como as situações naturalizadas não são facilmente percebidas ao nosso redor. Tendo em vista, que a repressão social se deve na retratação da sexualidade reprimida e violência, como

também do medo que reveste a psique dos alunos e traz conformidade com as regras exigidas no internato escolar que se apresenta na narrativa literária.

Importante ressaltar que a sexualidade é um dos fatores principais desta repressão social, e devido a isso, as análises e estudo em torno dela se faz presente durante todo o processo de desenvolvimento na narrativa da obra literária, como também deste trabalho, porém neste último de forma secundária nos demais tópicos, assim como as outras repressões citadas.

Ao pensar nos pontos principais no âmbito do internato escolar como instituição total, considerem-se as teorias de Foucault e Goffman fazem a raiz de construção deste estudo, ao fornecerem uma base teórica sólida para a compreensão da repressão social e seus efeitos na identidade dos personagens de *Törless*.

Na sua análise do poder e da sexualidade, Foucault (1988) argumenta que a repressão não é simplesmente negação, mas uma forma de controle que molda o comportamento e a identidade. No contexto do internato, essa repressão se manifesta na forma como os personagens aderem às normas sociais, levando a uma conformidade que limita sua liberdade individual.

Goffman (2005) complementa essa visão discutindo o gerenciamento de identidade em ambientes sociais onde os personagens são forçados a esconder seus verdadeiros sentimentos e desejos para evitar a estigmatização. Assim, essa repressão social afeta não apenas a sexualidade, mas também a construção identitária de personagens que tiveram que se adaptar a um ambiente opressivo. Neste meio, o fator educacional tem uma importância imensa, pois os conteúdos estudados também fazem persistir a opressão, não se pode esquecer, sendo um internato escolar, ou seja, a educação, os professores são responsáveis por disseminar ideologias que convergem com a realidade social da época.

Ademais, no contexto social e histórico do império austro-húngaro, vários elementos da história simbolizam a repressão implícita presente naquela realidade social. Os espaços limitados do internato, as interações entre os alunos e a rigidez das regras são metáforas que refletem a luta interna dos personagens com seus desejos.

A sexualidade, na maioria das vezes, é representada como oculta, aumentando os sentimentos de culpa e vergonha. Esta representação é apoiada por pesquisas sobre sexualidade na literatura, como Sedgwick (2008), que enfatiza a importância da leitura nas entrelinhas para compreender a dinâmica do poder e do desejo.

A análise da sexualidade no livro, como se relata na seguinte cena de *O jovem Törless*:

[...] Sentiu uma leve curiosidade sobre como haveria de ser, pois estava preso contra sua vontade. Tudo o que se movia nele ainda jazia em trevas, embora já sentisse o desejo de contemplar em meio à escuridão coisas que os outros não percebiam. Esse desejo misturava-se a um leve calafrio. Como se sobre sua vida pairasse permanentemente um céu cinzento e encoberto — com grandes nuvens, vultos monstruosos e mutáveis, e a pergunta sempre renovada: serão monstros; serão apenas nuvens? Essa dúvida era só dele! Secreta, proibida, estranha aos demais... Assim, pela primeira vez, Basini começou a assumir a importância que mais tarde teria na vida de Törless (Musil, 2019, p. 51).

Nesta outra cena, a subtextualidade sobre sexualidade se torna um pouco mais evidente para entender:

[...] E aquele momento de silêncio no jardim diante das janelas da taverna, antes que baixassem os escuros véus da sexualidade, também fora assim. E muitas vezes, no lapso de um pensamento, Beineberg e Reiting se haviam tornado estranhos e irrealis. E agora Basini? A ideia do que o rapaz andava fazendo dilacerava Törless; era uma ideia ora sensata e cotidiana, ora densa daquele silêncio perpassado de imagens, parte de todas as impressões lentamente filtradas na consciência de Törless, e que agora subitamente exigia que a tratassem como coisa viva e real; assim acontecera, há pouco, com a ideia do infinito. Törless sentia que isso o cercava de todos os lados. Como forças distantes, obscuras, que com certeza desde sempre o ameaçavam — mas ele recuara instintivamente, lançando-lhe às vezes tímidos olhares fugidios. Agora, porém, um acaso aguçara sua atenção nessa direção e, como obedecendo a um sinal, essa coisa chegava desabando, trazendo uma perplexidade inacreditável, espalhando-se cada vez mais por toda parte (Musil, 2019, p. 65).

Em mais outro fragmento, os pensamentos de Törless se tornam mais claros sobre sua atração:

[...] Ficava deitado bem quieto, ouvindo Basini, cujo corpo profanado respirava tão tranquilo quanto os dos demais. [...] Sempre que essa sensação imprecisa o dominava, sua atenção perdia aquele atributo pacato com que se acompanha o desenrolar de uma experiência científica. Parecia que de Basini emanava um fluido físico, uma excitação, como quando se dorme ao lado de uma mulher de quem se pode, a qualquer momento, tirar o cobertor. Era como um arrepio no cérebro, nascido da consciência de que basta estender a mão: a mesma coisa que muitas vezes leva jovens casais a excessos sensuais muito além das exigências de seus corpos (Musil, 2019, p. 94).

Baseando-se nesses trechos do livro, observa-se que, embora suprimida e reprimida, a sexualidade é uma força subjacente que molda as relações e experiências dos personagens. O internato, como esse microcosmo da sociedade, perpetua a repressão social ao impor regras rígidas que limitam a liberdade dos alunos assim como acontece no meio social, principalmente no século XX, onde a obra consta de sua publicação, isso piora em regimes autoritários e ditatoriais que obtêm uma supervisão mais massiva de reter liberdades e direitos.

No entanto, apesar de que a sexualidade aparece reprimida na sua narrativa, há lapsos essenciais quando a trama chega em suas últimas páginas, por exemplo, quando temos

algumas cenas que o subtextual se torna textual após investidas de Basini para com o personagem:

Sonho algum perturbava o seu descanso. Um calor infinitamente agradável estendia, porém, tapetes macios sob seu corpo. Acabou acordando por causa disso. E quase soltou um grito. Basini estava sentado na beira de sua cama! Com rapidez incrível desfez-se de sua camisa, enfiou-se debaixo do cobertor e apertou contra Törless o corpo trêmulo e nu. Mal se refez do sobressalto, Törless empurrou Basini, afastando-o de si. — O que é que você está pensando... Basini, porém, suplicou: — Não seja assim outra vez! Ninguém é como você. Não me rejeitam tanto como você; fingem que fazem aquilo comigo para parecer que são diferentes. Mas você... Logo você... Você é até mais moço do que eu, embora seja mais forte... Nós dois somos mais jovens do que os outros... Você não é tão grosseiro e convencido como eles... Você é suave... e eu amo você! — O que... o que é que você está dizendo? Vá... vá embora! Törless, atormentado, empurrava o ombro de Basini com o braço. Mas a cálida proximidade da pele macia e estranha o perseguia, envolvia e sufocava. Basini sussurrava sem pausa: — Sim... sim... por favor... Seria delicioso, para mim, servir você (Musil, 2019, p. 108).

Logo depois, ocorre a primeira consumação sexual entre os personagens. Como é perceptível, nesta cena os sentimentos ficam claros no que narrativa vai construindo ao decorrer do enredo, que chega aqui ao seu ápice, porém Törless, ainda tem suas repulsas e moralidades que se relacionam com a percepção social de certo e errado, assim como era comum acontecer naquela época no começo do século XX.

Em seu título original em alemão, *O jovem Törless*, se chama “*Die Verwirrungen des Zöglings Törleß*”, assim como em inglês, que em uma tradução literal para o português se chamaria “*As Confusões do Jovem Törless*”. O que é interessante, já que o protagonista está imerso em confusões e indagações sobre si próprio, sua sexualidade, suas vontades, sua moral e sua psique.

Além disso, a estrutura hierárquica, como Bauman (1998) esclarece, mostra a fragilidade da identidade em contextos sociais que exigem uma moldagem e uma *persona* comportamental de proteção. O internato não é unicamente uma estrutura física, mas um símbolo dessa repressão que se estende além dos muros e afeta o cotidiano dos personagens.

A análise sociológica indica que o internato funciona como uma espécie de “laboratório social”, ou, em uma comparação mais popular, como em um *reality show*, onde as dinâmicas de poder e controle se apresentam, levando à internalização da repressão social.

No contexto do internato, o medo torna-se um mecanismo de controle que molda o comportamento dos alunos, limitando a sua capacidade de se expressarem livremente. O efeito negativo da repressão social na vida cotidiana dos personagens é evidente.

A internalização das normas sociais leva a um estado de alienação e medo onde os indivíduos não conseguem relacionar-se verdadeiramente com os outros. Esta alienação está

na conjuntura da opressão, que mostra que o medo se faz presente na vida dos estudantes, em consequência da repressão social não afetar somente a identidade sexual, mas também tem um efeito denso nas suas psiques no internato, isso reflete a como pessoas sobrevivendo em um sistema total e ditatorial são submetidas e tratadas.

Em síntese, a repressão social no livro *“O jovem Törless”* é uma representação multiforme traçada com sexualidade, violência e medo em um internato militar escolar no império austro-húngaro. As teorias apresentadas neste trabalho fornecem uma lente crítica e analista para a compreensão do contexto social da época da obra literária, como também da contemporaneidade, que enfatiza a importância da literatura como uma área de estudo e análise da realidade social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho investigou *“O jovem Törless (1906) de Robert Musil: a repressão social na narrativa como representação da realidade social”*, que analisou a repressão social a partir da representação que a narrativa do livro fez da realidade social, além de identificar as dinâmicas desta repressão social vivenciada no internato escolar que se assemelha a um sistema totalitário, descrevendo as experiências dela apresentada ao decorrer da obra, e, por fim, verificou os elementos que evidenciaram a realidade social na representação do livro.

Constou-se que, o livro de Musil é uma alegoria da repressão da época do Império austro-húngaro e não pode ter barreiras somente nisso, ele coloca em foco toda a questão dessa conexão entre indivíduo-sociedade e como a educação é um reflexo preciso e claro de situações políticas e sociais decorrentes de determinados governos e ideologias que surgiriam depois da publicação da obra literária, como, por exemplo, o nazifascismo. Escancarou os problemas sociais persistentes presentes na sociedade como a sexualidade reprimida, violências psicológicas, físicas e sexuais, bem como do medo que os indivíduos são submetidos devido a essas repressões.

Compreender essas interseções, é crucial para incentivar uma sociedade mais inclusiva e emancipatória. Os discursos sobre sexualidade têm um impacto significativo na formação dos indivíduos, afetando a maneira como eles se relacionam, percebem e se conectam com o mundo. As perspectivas nos alerta para as táticas de controle e normalização presentes nas instituições, demonstrando a relevância de discutir tais dinâmicas. Ao investigar a conexão entre repressão social e sexualidade sob essa perspectiva, nos deparamos com obstáculos, mas também possibilidades de transformação. A reflexão crítica nos permite ver novos caminhos

para pensar sobre a dominação causada por aspectos conservadores e totalitários (Foucault, 2005).

A análise dos dados entendeu que o livro oferece oportunidades que saem do tradicionalismo acadêmico sociológico para adentrar na interseção entre literatura e sociologia, fundamentando as teorias de que as narrativas literárias de ficção podem servir como representações da realidade social. Logo, os resultados dos dados transmitem a necessidade de uma abordagem interdisciplinar que considere as complexidades da repressão social e da pesquisa científica, para, assim, oferecer um entendimento mais coerente e intenso da relação entre os indivíduos e a sua realidade social.

Desta forma, utilizou-se do livro como um campo de estudo de analogias, reflexões e percepções da realidade social na narrativa. Entretanto, utilizar-se de uma área sem o devido reconhecimento e negligenciamento da sua principal fonte de pesquisa é como navegar em um mar tempestuoso. Todavia, uma iniciativa necessária para compreender formas diversas de representação da realidade social.

Além de que, a intenção do primeiro tópico do Referencial Teórico foi em busca de uma evidência desse campo de estudo para encorajar outrem a pesquisarem e entenderem a importância de uma análise sociológica sobre os elementos sociais que se constituem em um livro de ficção. O propósito deste primeiro tópico focaliza-se por um diálogo mais evidente entre sociologia e literatura, reflete a importância de teorias difundidas por sociólogos e outros teóricos, que dissertam sobre esse mutualismo que essas duas áreas podem proporcionar a um conhecimento científico aprimorado e crítico.

Os tópicos seguintes abordam cada uma das repressões sociais que o trabalho visa analisar, o internato escolar apresentado na obra literária traz um contexto de analogia com sistemas totais justamente com a ideia de entender como a liberdade e a individualidade são descartadas; a sexualidade com ênfase na sua dimensão reprimida explica o que acontece na sociedade por meio da narrativa do livro e o último tópico com a explanação sobre o medo tanto no contexto da obra como no âmbito social investigou essa importante emoção que entrelaça as vidas das pessoas.

A contribuição teórica reside na expansão de estudo acerca de que se for usada, a obra literária pode ser um objeto de estudo sociológico que consegue proporcionar uma análise coerente e mutualista entre duas áreas “diferentes” de conhecimento sobre a realidade social, ao ampliar o entendimento sobre a Sociologia da Literatura. Destacou-se a importância de

estudo sociológico sobre a literatura para avançar teoricamente e buscar meios de pesquisa plurais que evidenciam a realidade social na ficção.

O livro *Törless* serviu nesta análise justamente pelo contexto social e histórico como também a sua representação dos elementos da repressão social desenvolvidas na narrativa, por meio, do internato escolar que serviu para compreender a lógica de uma sociedade e como funciona seu controle em setores como liberdade individual e ensino. Tal contribuição é fundamental para a compreensão dos fenômenos sociais em atenção a uma forma diversa de analisá-los e percebê-los em uma narrativa ficcional, que coloca em evidência como a sociedade afeta o indivíduo humano, proporcionando que sua arte se torne um produto direto e representativo do meio social.

As implicações estudadas fornecem orientações para que os cientistas sociais, principalmente, sociólogos, ampliem seus campos de estudo, pois o livro analisado, *Törless*, trouxe uma percepção diversa sobre como a repressão social é imposta a partir do internato escolar na narrativa, e apresentou a sexualidade, violência e medo dos indivíduos pressionados por meio de facetas que apenas uma análise como esta poderia oferecer.

Como um microssocial da sociedade, o livro compactou os principais pontos dessa repressão nos indivíduos e demonstrou suas relações com eles. As descobertas sugerem estratégias para desenvolvimento crítico e reflexivo acerca de como estamos tão habituados em situações normalizadas que nem sempre conseguimos perceber as repressões sociais que nos afligem.

As limitações são os desafios encontrados em uma análise sociológica de uma obra literária que apesar da forte influência do contexto sócio-histórico, também reflete as visões do autor e suas experiências em um ambiente de internato escolar, assim como também do leitor na forma de perceber a narrativa.

Restrições também são notáveis na investigação da análise sociológica de uma obra literária, em razão, de existir uma limitação em termos de *produção* de pesquisas na academia, assim comparando-as com outros campos mais tradicionais e frequentes usados por sociólogos, porém a Sociologia da Literatura tem alguns bons estudos científicos e também alguns teóricos e sociólogos que a discutem, dentre eles, estão, Antonio Candido, Pierre Bourdieu e Zygmunt Bauman.

Para pesquisas futuras, este trabalho visa ser uma boa sugestão de estudos na expansão de conhecimento desta junção de sociologia e literatura para a compreensão do contexto social mediante um produto cultural artístico que é um produto social direto da percepção sobre a

sociedade. Expandir esse campo de estudo apenas faz com que a Sociologia cresça mais em um conhecimento teórico que perpassa todas as facetas da sociedade e da academia, se tornando um artifício essencial em análises sobre a sociedade e a humanidade em outros campos de estudo.

A pesquisa sublinha a importância de que a análise da representação da repressão social, por meio da narrativa do livro estudado, teve o propósito de compreender melhor como funciona a realidade social e seus aspectos no indivíduo humano, sendo assim, instigou reflexões e críticas sobre a sociedade e aqueles que a constituem, por meio de *“O jovem Törless (1906) de Robert Musil: a repressão social na narrativa como representação da realidade social”*.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. Erziehung nach Auschwitz. In: ADORNO, T. (Org.). **Gesammelte** ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. São Paulo: Editora 34, 2003.
- ALMEIDA, Maria Emilia Sousa. Relações de poder na cultura pós-moderna. **Mudanças. Psicologia da Saúde**, v. 24, n. 1, p. 65-74, 2016.
- APPLE, Michael W. **Educação e poder**. Editora Vozes, 2024.
- ARAÚJO NETO, Miguel Leocádio. A sociologia da literatura: origens e questionamentos. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 15–20, ago. 2007.
- BAKHTIN, Mikhail, **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. São Paulo: Ed: Unesp/Hucitec, 1993.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A Busca por Segurança no Mundo Atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt; JACOBSEN, Michael Hviid; TESTER, Keith. **Para que serve a sociologia?** Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt; MAZZEO, Riccardo. **O elogio da literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- BENELLI, Silvio José. **A lógica da internação: instituições totais e disciplinares (des) educativas**. 2014.
- BENELLI, Sílvio José. O internato escolar como instituição total: violência e subjetividade. **Psicologia em Estudo**, v. 7, p. 19-29, 2002.
- BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Autêntica, 2013.
- BERTONHA, João Fábio. O IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO: O ATOR DESCONHECIDO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL. **Esboços: histórias em contextos globais**, [S. l.], v. 21, n. 32, p. 115–137, 2014. DOI: 10.5007/2175-7976.2014v21n32p115. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2014v21n32p115>. Acesso em: 1 ago. 2024.
- BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BOTELHO, ANDRÉ e HOELZ, MAURÍCIO. Sociologias da literatura: Do reflexo à reflexividade. **Tempo Social** [online]. 2016, v. 28, n. 3 [Acessado 10 Agosto 2024], pp. 263-287. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2016.106017>. ISSN 1809-4554.
- BOURDIEU, Pierre, **Les conditions sociales de la circulation internationale des idées**. Actes de la Recherche en Sciences Sociales , 145: 3-8. 2002.<https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2016.106017>.
- BRITZMAN, Deborah. **Curiosidade, sexualidade e currículo**. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BRIZOLLA, Maria Margarete Baccin *et al.* Uma revisão sobre a pesquisa qualitativa em ciências sociais aplicadas. **UFAM Business Review-UFAMBR**, v. 2, n. 3, p. 103-130, 2020.
- Buchgesellschaft, 1998. v. 10-2.
- CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 15, p. 679-684, 2006.
- CARVALHO, Anna Karoline Cavalcante *et al.* A religião como forma de controle social. **Revista Humanidade e Inovação**, v.7, n.2, 2020.
- CASTELLO, J. **Primeiro livro de Robert Musil antecipou sombras do século 21**. Disponível em: <http://estadao.com.br/amp/cultura/primeiro-livro-de-robert-musil-antecipou-sombras-do-seculo-21/>. Acesso em: 3 ago. 2024.
- CIZMECIOGLU, A. **Robert Musil: “the confusions of young master törless”**. Deutsche Welle (DW). Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/amp.dw.com/en/robert-musil-the-confusions-of-young-master-torless/a-44106634>. 2018. Acesso em: 03 ago de 2024.
- CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. Vícios execráveis campanha médica de combate à masturbação e à homossexualidade entre os pensionistas de colégios-internatos (1845-1927). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 15, n. 2, p. 111-132, 2015.
- DE ASSIS CÉSAR, Maria Rita. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. **Educar em Revista**, v. 25, n. 35, p. 37-51, 2009.
- DE CAMARGO, Shelley Arruda Pinhal; DE SAMPAIO NETO, Luiz Ferraz. Sexualidade e gênero. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 19, n. 4, p. 165-166, 2017.
- DETREZ, Raymond. Reluctance and determination: the prelude to the Austro-Hungarian occupation of Bosnia-Herzegovina in 1878. In: Wechselwirkungen: **Austria-Hungary, Bosnia-Herzegovina, and the Western Balkans, 1878-1918**. Peter Lang, 2015. p. 21-40.
- EAGLETON, Terry. **Teoria Literária — Uma Introdução**. S. Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador 2: formação do Estado e civilização**. Editora Zahar, 1993.
- FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Cadernos da PUC/RJ, série Letras e Artes, 6/74, nº. 16. 1999.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber** (16a ed.). Rio de Janeiro: Graal. 2005.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 21ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FRANÇA, A. N.; DA SILVA, S. G. A trajetória política do sujeito homossexual na luta por direitos. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S. l.], v. 1, n. 4, 2019. DOI: 10.31560/2595-3206.2018.4.9202. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/9202>. Acesso em: 20 ago. 2024
- FUREDI, Frank. **Para uma sociologia do medo. Risco, cidadania e Estado num mundo globalizado**. Coimbra: Contexto, CES—Centro de Estudos Sociais, p. 191-210, 2013.
- GALLO, Sílvio. O efeito Foucault na Educação [online]. **SciELO em Perspectiva: Humanas**, 2015. Disponível em:

<https://humanas.blog.scielo.org/blog/2015/01/26/o-efeito-foucault-na-educacao/>. Acesso em: 05 de Julho de 2023.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade** São Paulo: Unesp, 1991.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade**, v. 4, 1988.

GUIGUE, M.; BOULIN, A.. **L'Internat Scolaire: limites et paradoxes d'une institution totale**. Educação & Realidade, v. 41, n. 4, p. 985–1002, out. 2016.

GUMBRECHT, Hans Ulrich; ENDEBO, Nelson Shuchmacher; RANGEL, Marcelo Mello. Realismo na literatura brasileira. **Artefilosofia**, v. 13, n. 25, p. 4-11, 2018.

GURSKI, Rose; PERRONE, Cláudia Maria. O Jovem ‘Sem Qualidades’ e o Desejo de Fascismo: enlaces entre psicanálise, educação e política. **Educação & Realidade**, v. 46, n. 1, p. e109161, 2021.

HANKISS, E, **Fears and Symbols. Na Introduction to the Study of Western Civilisation**. Budapest: Central European Press, 2001.

HERMANN, N. Violência, estética e educação: o caso do jovem Törless. **Roteiro**, [S. l.], v. 43, n. 2, p. 471–488, 2018. DOI: 10.18593/r.v43i2.16257. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/16257>. Acesso em: 27 jul. 2024.

JULIA, Dominique. **Les Trois Couleurs du Tableau Noir. La Révolution**. Paris: Éditions Belin, 1981.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Medos corriqueiros: em busca de uma aproximação metodológica. **Revista Cronos**, v. 3, n. 1, p. 94-101, 2002.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil. **Sociedade e Estado [online]**, v. 29, n. 3, pp. 841-866. 2014.

LEÃO, Andréa Borges. Como fazer uma sociologia da singularidade? Autoria e campo literário. **Estudos de sociologia**, v. 14, n. 27, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAFFESOLI, M. Homossocialidade: da identidade às identificações. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 1, n. 01, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2250>. Acesso em: 27 jul. 2024.

MARGARITA ROSA GAVIRIA, M.. Controle social expresso em representações sociais de violência, insegurança e medo. **Sociologias**, n. 20, p. 72–107, jul. 2008.

MELO, Eugênia Marques de Oliveira *et al.* **O dito e o não dito na educação sexual: uma produção discursiva**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 346-361, jun. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200010&lng=pt&nrm=iso. acesso em 07 jul. 2023.

NEUMANN, Gerson Roberto. Robert Musil: vida e obra. **Cadernos de tradução (Porto Alegre)**. Porto Alegre, RS. N. 34 (jan./jun. 2014), p.[7]-11, 2014.

MORAES, E. R. **Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina**. São Paulo: Iluminuras, 2006

MORETTI, Franco. **O Romance de Formação** [formato ebook]. São Paulo: Todavia, 2020.

MORETTI, Franco. **Signos e estilos da modernidade: ensaios sobre a sociologia das**

formas literárias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MUSIL, Robert. **O jovem Törless.** Nova Fronteira, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

OLIVEIRA, Sidinei Rocha de; PICCININI, Valmiria Carolina. Validade e reflexividade na pesquisa qualitativa. **Cadernos Ebape.** Br, v. 7, p. 88-98, 2009.

OLIVEIRA, Valnikson Viana; PINHEIRO, Vanessa Riambau. Reflexos do romance de formação em “Hibisco roxo”, de Chimamanda Ngozi Adichie. **Revista Garrafa**, v. 17, n. 49, p. 220-231, 2019.

PEREIRA, M. E. C. Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 12, n. 2, p. 379–386, jun. 2009.

RODRIGUES, P. Homofobia internalizada e suicidalidade em jovens LGB e não LBG. **Les Online**, 2(2), 2010.

SANTOS, Jean Jesus; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Homofobia e escola: uma revisão sistematizada da literatura. **Revista Subjetividades**, v. 20, n. SPE1, p. 1-14, 2020.

SAPIRO, Gisèle. **Sociologia da literatura.** Belo Horizonte: Moinhos/Contafios, 2019.

Schriften. Herausgegeben von Rolf Tiedemann. Darmstadt: Wissenschaftliche

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos pagu**, p. 19-54, 2007.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Between men: English literature and male homosocial desire.** Columbia university press, 2015.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the Closet.** Univ of California Press, 2008.

SILVA, Haleks Marques; PRUDENTE, Geovanna Goulart; DE PINHO, Maria José. ALIENAÇÃO RELIGIOSA COMO CONTROLE SOCIAL. **Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu**, v. 1, n. 4, 2021.

SILVA, V. G. O adolescente gay e a capacidade de resiliência da família (estudo de um texto biográfico). In: **Psicologia.pt**, 2012.

SPIEGELMAN, Art. **Maus:** a história de um sobrevivente. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** São Paulo: Cortez, v. 2, p. 41-61, 1999.

TADIÉ, Jean-Yves. Sociologia da literatura. In: **A crítica literária no século XX.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches; PORTO, Maria do Rosário Silveira. **Violência, insegurança e imaginário do medo.** Cadernos CEDES [online]. 1998, v. 19, n. 47 [Acessado 18 Julho 2024], pp. 51-66. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000400005>. Epub 31 Maio 2000. ISSN 1678-7110. <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000400005>.

TERTO, Angela Pires; SOUZA, Pedro Henrique Nascimento. De Stonewall à Assembleia Geral da ONU: reconhecendo os direitos LGBT. Monções: **Revista de Relações Internacionais da UFGD**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 120–148, 2015. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/moncoes/article/view/3452>. Acesso em: 24 jul. 2024.

VIZIBELI, D. **Análise do Discurso e Literatura: caminhos possíveis**. Disponível em: <https://danvizi.wordpress.com/2019/10/05/analise-do-discurso-e-literatura-caminhos-possiveis/>. Acesso em: 12 aug. 2024.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Brasília: UNB, 1991.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

WRIGHT MILLS, C. **A Imaginação Sociológica**. Editora Zahar, 1982.

XERXENESKY, Antônio. “Apresentação”. Prefácio. **O jovem Törless**. MUSIL, Robert. Nova Fronteira, 2019, p. 5-6.